



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

AS LOCUÇÕES CONJUNTIVAS *DADO QUE, DESDE QUE E UMA VEZ QUE* NO PB: CONDICIONALIDADE-CAUSALIDADE

Ana Paula Cavaguti

SÃO CARLOS  
2013



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

AS LOCUÇÕES CONJUNTIVAS *DADO QUE*, *DESDE QUE* E *UMA VEZ QUE*  
NO PB: CONDICIONALIDADE-CAUSALIDADE

ANA PAULA CAVAGUTI  
Bolsista: CNPq

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

São Carlos - São Paulo - Brasil  
2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C376Lc

Cavaguti, Ana Paula.

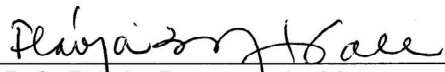
As locuções conjuntivas dado que, desde que e uma vez que no PB : condicionalidade-causalidade / Ana Paula Cavaguti. -- São Carlos : UFSCar, 2013.  
107 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Linguística. 2. Orações adverbiais. 3. Orações condicionais. 4. Funcionalismo. I. Título.

CDD: 410 (20<sup>a</sup>)

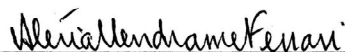
**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
ANA PAULA CAVAGUTI**



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale  
Orientadora e Presidente  
UFSCar/São Carlos

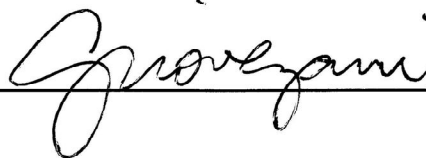


Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Taísa Peres de Oliveira  
Membro titular  
UFMS/Três Lagoas



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Valéria Vendrame Ferrari  
Membro titular  
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 18/março/2013.  
Homologada na 57<sup>ª</sup> reunião da CPGL, realizada em 28/06/2013.



**Carlos Piovezani**  
Coordenador  
PPGL/UFSCar

*A minha família:  
meu melhor presente  
e o amor mais sublime.*

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, a quem tudo devo.

À Professora Doutora **Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale**, pelo exemplo de competência e de determinação, pela paciência, pelo acompanhamento incansável, sobretudo por despertar em mim profundo encantamento por este trabalho.

Às Professoras Doutoras **Táisa Peres de Oliveira**, da UFMS – Três Lagoas, e **Valéria Vendrame Ferrari**, da UFSCar – São Carlos, por suas enriquecedoras contribuições com este trabalho no Exame de Qualificação e na Defesa.

Aos Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, **Ariani Di Felippo**, **Gladis Maria de Barcellos Almeida** e **Oto Araújo Vale**, pelo conhecimento e pelos ensinamentos compartilhados.

Aos funcionários da Pós-Graduação da UFSCar.

Aos amigos da UFSCar, **Claudia**, **Cristina**, **Daniela** e **Fabício**, pelas alegrias, pelas inquietações e pelos conhecimentos compartilhados. À amiga, **Renata**, também pela cumplicidade e pelas divertidas reuniões gastronômicas.

À Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNESP - Assis - **Eunice Lopes Toledo**, pelo incentivo, pelo carinho e pela atenção incomensuráveis com que sempre cuidou de mim.

Aos amigos, **D. Rosely Sanchez**, **D. Maristela Olzon** e **Sr. Sylvio Souza**, pela acolhida carinhosa e por toda orientação espiritual, fundamental para minha paz e para meu equilíbrio emocional.

Ao querido amigo, **Gustavo**, por sua amizade abençoada, que soube transformar meus domingos nostálgicos em momentos de aconchego e de muitas gargalhadas.

A minha grande amiga, **Maria Goreti**, pela amizade irrestrita, pelas palavras inspiradoras, e por ajudar-me a superar as dificuldades com alegria, serenidade e com otimismo.

A minha família:

A minha mãe, **Maria**, e a meu pai, **Nariaqui**, pelo amor incondicional, pelas orações, pelo incentivo inabalável, por aceitarem meus momentos de recolhimento e de ausência, principalmente por inspirarem-me a ser alguém melhor a cada dia;

A meus irmãos, **Eduardo, Marcelo e Ana Carolina**, por todas as formas de contribuição e pelos momentos em família, indispensáveis para minha felicidade e para minha coragem;

A meu sobrinho e minha maior alegria, **Lucas**, pela amizade, pelo companheirismo, pela torcida constante e por ajudar-me a salvar todas as ocorrências do córpus deste trabalho;

A meus padrinhos, **Alice, Hiroshi e Mari**, pela dedicação, por estenderem-me suas mãos nos momentos difíceis e por compartilharem comigo cada conquista;

A meu tio **Boya** (*in memoriam*) e a minha avó **Tokie** (*in memoriam*), pela mão que me acalma, pelo sorriso que me conforta e pela ‘presença’ que me fortalece.

Ao **CNPq**, pela bolsa concedida no período de 2011 a 2013.

“[...] Quando pensares que o socorro não te chegará em tempo, se continuares esperando, descobrirás, alegre, que ele te alcançou minutos antes do desastre.”

(Divaldo Franco, 1992, p. 132)



## RESUMO

Neste trabalho, propõe-se o estudo sincrônico das orações adverbiais iniciadas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português escrito do Brasil. Considerando que essas locuções conjuntivas podem expressar as relações de causalidade e de condicionalidade, a distinção entre uma interpretação e outra não é resultado apenas de fatores sintáticos mas também de fatores de natureza semântica e pragmática. Baseada em pressupostos teóricos funcionalistas como os de Dik (1989), Hengeveld (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008), Sweetser (1990), entre outros, esta pesquisa fornece, por meio de uma descrição detalhada do comportamento funcional dessas locuções no nível discursivo, as características de *dado que*, *desde que* e de *uma vez que* em contextos reais de uso. Com base nas ocorrências fornecidas por textos escritos, obtidas no *Corpus do Português*, disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, examinam-se fatores como: (i) a ordem frasal dominante da oração causal/condicional em relação à oração-núcleo; (ii) as correlações modo-temporais; (iii) os parâmetros semânticos (tipo de entidade; factualidade; pressuposição e dependência temporal) propostos por Hengeveld (1998); (iv) níveis e camadas de Hengeveld e Mackenzie (2008), e (v) os domínios de Sweetser (1990). Esta pesquisa procura demonstrar como o usuário de uma língua natural ‘opera’ de modo que a interação verbal seja bem sucedida conforme suas intenções comunicativas e ainda fornece subsídios linguísticos para o tratamento automático da linguagem.

**Palavras-chave:** locuções conjuntivas, orações causais, orações condicionais, funcionalismo.

## ABSTRACT

In this research, we propose the synchronic study of adverbial clauses initiated by conjunctions *dado que*, *desde que* and *uma vez que* in written Brazilian Portuguese. Considering that these conjunctions may express causality and conditionality, the distinction between the interpretation of causal clauses and conditional clauses is not only a result of syntactic features but also of semantic and pragmatic ones. The analysis is based on the Functionalist Theory, in the terms of Dik (1989), Hengeveld (1998), Hengeveld and Mackenzie (2008), Sweetser (1990), among others, and this study provides, through a detailed description of these conjunctions at the discourse level, characteristics of *dado que*, *desde que* and *uma vez que* in their effective use. The *corpus* of this research is composed by written texts, which were collected at the Corpus do Português, available at: <http://www.corpusdoportugues.org>. The features considered in this analysis were: (i) the order of the causal and the conditional clauses in relation to the main clause, (ii) the verbal tenses correlations, (iii) the semantic parameters (type of entity; factuality; presupposition and time dependence) proposed by Hengeveld (1998), (iv) levels and layers of analysis, according to Hengeveld and Mackenzie (2008), and (v) domains of use of Sweetser (1990). This research aims at showing how a natural language user 'acts', so that his/her verbal interaction is successful in face of his/her communicative intentions. This study also provides linguistic subsidies for the automatic treatment of language.

**Key-words:** conjunctions, causal clauses, conditional clauses, functional grammar.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo de interação verbal de Dik.....	16
Figura 2: Arquitetura geral da GDF.....	20

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Camadas e entidades .....	17
Quadro 2: Tipos de entidades na GDF .....	24
Quadro 3: A constituição de uma Expressão Linguística.....	29
Quadro 4: Base das locuções conjuntivas <i>dado que, desde que</i> e <i>de uma vez que</i> .....	43
Quadro 5: Dik, Sweetser e Hengeveld e Mackenzie.....	46
Quadro 6: Orações adverbiais causais e condicionais.....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de ocorrências (dado bruto) .....	49
Tabela 2: Número de ocorrências das locuções conjuntivas .....	52
Tabela 3: Ocorrências causais e condicionais .....	53
Tabela 4: Ocorrências causais.....	53
Tabela 5: Ocorrências condicionais .....	63
Tabela 6: <i>Dado que</i> : número de ocorrências causais e condicionais .....	69
Tabela 7: A ordem das orações causais e condicionais.....	70
Tabela 8: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal.....	73
Tabela 9: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional .....	74
Tabela 10: <i>Desde que</i> : número de ocorrências causais e condicionais .....	75
Tabela 11: A ordem das orações causais e condicionais.....	76
Tabela 12: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal.....	81
Tabela 13: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional .....	83
Tabela 14: <i>Uma vez que</i> : número de ocorrências causais e condicionais .....	88
Tabela 15: A ordem das orações causais e condicionais.....	89
Tabela 16: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal.....	92
Tabela 17: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional .....	96
Tabela 18: Classificação das relações de causa e de condição.....	100

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
	2.1 A Gramática Funcional .....	15
	2.1.1 O funcionalismo de Dik .....	15
	2.1.2. O funcionalismo de Hengeveld e Mackenzie .....	18
	2.1.2.1 Os níveis de organização linguística .....	21
	2.1.2.1.1 Nível Interpessoal.....	21
	2.1.2.1.2 Nível Representacional.....	24
	2.1.2.1.3 Nível Morfossintático .....	28
	2.2 A abordagem tradicional de orações causais e condicionais.....	31
	2.3 Abordagens funcionalistas das relações causais e condicionais.....	34
	2.3.1 As relações condicionais .....	34
	2.3.2 As relações causais .....	42
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>48</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>52</b>
	4.1 Causalidade .....	53
	4.2 Condicionalidade .....	63
	4.3 As orações adverbiais introduzidas por <i>dado que</i> .....	69
	4.4 As orações adverbiais introduzidas por <i>desde que</i> .....	75
	4.5 As orações adverbiais introduzidas por <i>uma vez que</i> .....	88
	4.6 <i>Dado que</i> causal x condicional.....	98
	4.7 <i>Desde que</i> causal x condicional.....	99
	4.8 <i>Uma vez que</i> causal x condicional.....	99
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>101</b>
	REFERÊNCIAS .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisam-se as orações adverbiais iniciadas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português escrito contemporâneo do Brasil. Esta análise se baseia em pressupostos teóricos funcionalistas como os de Dik (1989), Hengeveld (1998), Neves (1999a, 1999b, 2000, 2004), Hengeveld e Mackenzie (2008), entre outros, para os quais a língua deve ser examinada inserida num contexto real de interação social.

Na abordagem tradicional, o estudo das orações subordinadas adverbiais se restringe à nomenclatura sintática, sem levar em conta o funcionamento e sua contribuição no nível do discurso. Inseridas no grupo das orações adverbiais estão as causais e as condicionais (objeto de estudo desta pesquisa). A definição tradicional das orações causais se fundamenta na relação lógica de causa-efeito e a das orações condicionais, numa relação hipotética de condição-efeito.

Considerando que as relações de causalidade e de condicionalidade podem ser expressas por uma mesma locução conjuntiva (*dado que*, *desde que* e *por uma vez que*), a distinção entre uma interpretação e outra não é resultado apenas de fatores sintáticos mas também de fatores de natureza semântica e pragmática. Para Neves (1999a, 1999b, 2004, 2010), a Gramática Funcional representa uma teoria da sintaxe e da semântica desenvolvida dentro de uma teoria pragmática.

Há vários trabalhos a respeito das orações adverbiais causais e condicionais, no entanto, nenhum específico conforme a proposta ora apresentada, visto que a maioria dos estudiosos tem dedicado maior atenção às orações introduzidas por suas conjunções prototípicas: *porque* e *se*, respectivamente.

O objetivo geral deste trabalho é descrever os usos causais e condicionais das locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *de uma vez que* a partir de ocorrências reais da língua a fim de identificar as regularidades e as diferenças das relações expressas por essas locuções. Os critérios de análise adotados nesta pesquisa são: (i) ordem da oração adverbial em relação à oração-núcleo; (ii) as correlações modo-temporais; (iii) parâmetros semânticos propostos por Hengeveld (1998) - tipo de entidade, factualidade, pressuposição e dependência temporal; níveis e camadas de Hengeveld e Mackenzie (2008); (iv) domínios de Sweetser (1990).

Verificados, individualmente, os dados fornecidos por cada locução conjuntiva em estudo, comparam-se os empregos de *dado que*, *desde que* e *de uma vez que* com sentido causal e condicional a fim de evidenciar as características de cada uma delas.

Na primeira seção, apresenta-se a fundamentação teórica do trabalho, com uma visão geral do Funcionalismo nos termos de Dik (1989), e os principais aspectos teóricos do Funcionalismo de Hengeveld (1998) e de Hengeveld e Mackenzie (2008) que se relacionam com este trabalho. Em seguida, apresenta-se uma visão geral das gramáticas tradicionais sobre a expressão de causalidade e de condicionalidade relevantes para esta pesquisa. Por fim, apresentam-se algumas considerações baseadas em trabalhos descritivos a respeito das relações causais e condicionais, sobretudo no que diz respeito às locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *a uma vez que*. Na segunda seção, apresenta-se a metodologia adotada para esta análise, com informações sobre o cópuz e sobre os parâmetros de análise pré-estabelecidos. Na terceira seção, apresentam-se os resultados obtidos por meio do cópuz, considerando os parâmetros mencionados na segunda seção. Por fim, apresentam-se as conclusões deste trabalho na quarta seção.

O exame descritivo do comportamento funcional desses elementos proporciona uma reflexão e um conhecimento muito além dos que se veem nas gramáticas normativas, que, por sua vez, tratam este tema de forma sempre prescritiva e descontextualizada, sem levar em conta sua organização discursiva.

Além disso, pretende-se fornecer subsídios linguísticos para o tratamento automático da linguagem, facilitando o processamento de dados em programas computacionais de Tradução Automática (TA), Revisor Gramatical, Sumarização de Textos, entre outros.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A GRAMÁTICA FUNCIONAL

A Gramática Funcional propõe examinar como o usuário de uma língua natural organiza e constrói uma expressão linguística para se comunicar eficientemente.

Baseado no funcionalismo holandês de Dik (1989), sobretudo no de Hengeveld (1998) e no de Hengeveld e Mackenzie (2008) cuja teoria (Gramática Discursivo-Funcional) possibilita examinar, separadamente, os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos em níveis, neste trabalho, propõe-se descrever as orações adverbiais introduzidas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* em seus usos causais e condicionais.

#### 2.1.1 O funcionalismo de Dik (1989)

A Gramática Funcional nos termos de Dik (1989) concebe a língua como um instrumento de comunicação, de interação verbal entre dois sujeitos. Desse modo, o modelo teórico-metodológico proposto por esse autor procura representar, em parte, a capacidade linguística do usuário de uma língua natural, ou seja, sua competência comunicativa. Essa teoria examina a função da estrutura subjacente abstrata às construções linguísticas a partir de dois tipos de regras: as que governam a constituição dessas expressões (componentes semântico, sintático, morfológico e fonológico), e as que governam os padrões de interação verbal (componente pragmático), considerando três padrões de adequação:

- a) adequação pragmática: a gramática revela as propriedades das expressões linguísticas que explicam o modo como essas expressões se empregam na interação verbal;
- b) adequação psicológica: a gramática deve ser compatível com o processo cognitivo do processamento da língua natural. A adequação psicológica diz respeito ao processo pelo qual o falante formula e codifica as expressões linguísticas e ao modo como o ouvinte interpreta as expressões emitidas pelo falante;

c) adequação tipológica: a teoria deve oferecer um padrão que permita construir gramáticas de línguas tipologicamente diferenciadas.

Para Dik (1989), a estrutura gramatical (interna) das expressões linguísticas deve ser examinada funcionalmente, inserida numa interação social. Isso significa que as expressões linguísticas devem ser examinadas não apenas por meio de fatores de natureza morfossintática mas, sobretudo, por fatores de natureza discursivo-pragmática como, por exemplo, a relação falante/ouvinte e o contexto temporal e local do evento comunicativo.

Segue abaixo o modelo de interação verbal de Dik (1989):

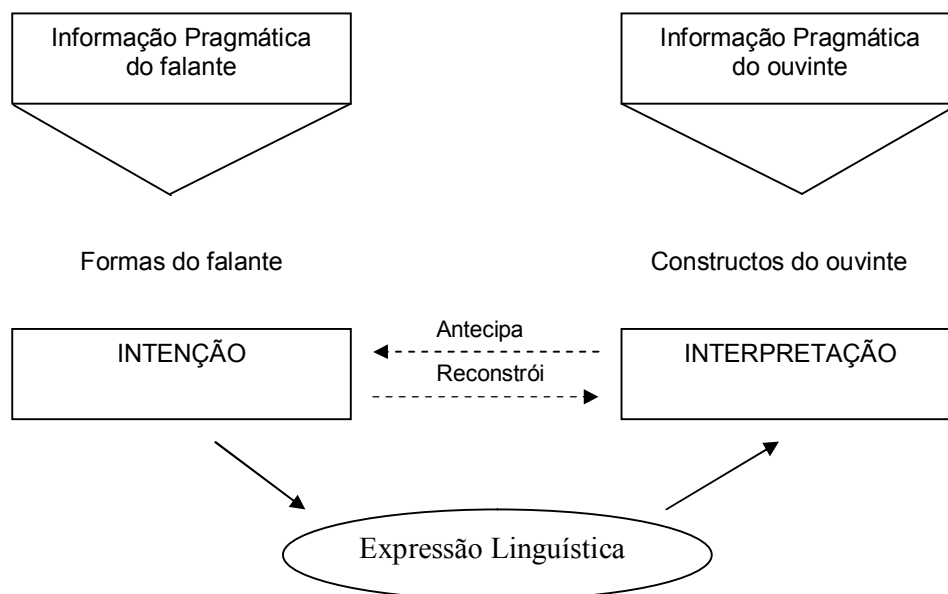


Figura 1 – Modelo de interação verbal de Dik (1989, p. 08)

Partindo do princípio de que, ao se comunicar, o sujeito faz escolhas orientado por suas finalidades sobre o outro a fim de provocar no destinatário um comportamento desejado, Neves (2010) assume que os participantes da comunicação devem compartilhar valores e crenças para que a comunicação entre eles seja bem sucedida. Desse modo, o falante deve conhecer as crenças do ouvinte e antecipar sua interpretação para conseguir modificar a informação pragmática deste. O ouvinte, por sua vez, deve supor a intenção comunicativa que o falante tenha tido.

Segundo Neves (2010, p. 13), a Gramática Funcional (doravante GF) representa uma teoria da sintaxe e da semântica desenvolvida dentro de uma teoria pragmática em que “a

interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções) e cooperativa”, mediada e não estabelecida pelas expressões linguísticas.

Dik (1989) propõe um modelo de descrição da expressão linguística, manifestada por meio da oração, cuja estrutura subjacente é constituída por: (i) predicados e por seus argumentos; (ii) informação modificadora expressa pelos operadores (meios gramaticais -  $\pi$ ) e pelos satélites (meios lexicais -  $\sigma$ ), os quais representam função semântica adicional. Essa estrutura é organizada hierarquicamente, em camadas de organização semântica e formal, representada no quadro a seguir:

Quadro 1: Camadas e entidades

Camada	Tipo de entidade	Ordem
Oração	Atos de fala	4
Proposição	Fatos possíveis	3
Predicação	Estado de coisas	2
Predicado	Propriedade/relação	1
Termo	Entidade	0

A descrição da estrutura subjacente da oração segue um modelo ascendente (*bottom-up*) de complexidade semântica conforme três níveis:

- a) a predicação nuclear se constitui pelo predicado e por seus argumentos. O predicado designa uma propriedade ou relação; os termos se referem às entidades. Esta predicação designa um estado de coisas que pode ocorrer no mundo real ou no imaginário, localizado no tempo e no espaço, ter certa duração e pode ser visto, ouvido ou percebido;
- b) a predicação central consiste na predicação nuclear expandida por meio de operadores e de satélites de nível 1, qualificada em relação a aspecto e ao modo;
- c) a predicação estendida consiste na predicação central expandida por operadores e por satélites de nível 2, qualificada em relação a tempo e a espaço. A predicação estendida recebe os operadores e os satélites de nível 3, qualificada em termos da atitude do falante, constituindo a proposição.

Por fim, a proposição é modificada pelos satélites de nível 4, que qualificam a força ilocucionária da expressão linguística, constituindo a frase, que corresponde ao ato de fala.

Expostas as principais bases do funcionalismo de Dik (1989), nota-se que o modelo teórico-metodológico proposto por esse autor não ultrapassou os limites da oração (não adequação pragmática), e sua arquitetura ascendente (*bottom-up*) não correspondeu aos padrões de adequação psicológica, isto é, sua proposta não representou, de maneira adequada, como o falante formula e codifica uma expressão linguística. Diante disso, surgiu um novo modelo de descrição linguística, atualmente representado pela Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), cujos pressupostos básicos se apresentam na próxima subseção.

### **2.1.2 O funcionalismo de Hengeveld e Mackenzie (2008)**

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é um modelo teórico, que procura descrever, separadamente, os fenômenos linguísticos por meio de suas relações funcionais em quatro níveis de organização linguística. Essa teoria se baseia na premissa de que toda organização sintática parte da pragmática, do uso.

A GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008), propõe um modelo de análise que se inicia a partir da intenção comunicativa do falante (do componente conceitual) até a expressão da forma linguística.

A GDF constitui o Componente Gramatical que se liga a um Componente Conceitual, a um Componente Contextual e a um Componente de Saída. O Componente Conceitual é responsável pelas representações conceituais pré-linguísticas e pela representação da intenção comunicativa convertida em expressões linguísticas. Esse componente é a força motriz que sustenta o Componente Gramatical.

O Componente Contextual é responsável pelo domínio discursivo a partir do qual se produzem novas expressões linguísticas no Componente Gramatical. O Componente de Saída, por sua vez, converte as representações semânticas e pragmáticas em sua forma final – acústica ou gráfica.

Esses três componentes não-gramaticais interagem com o Componente Gramatical, sobretudo por meio das operações de formulação (função) e de codificação (forma) cujas regras são fenômenos específicos de cada língua.

As regras de formulação convertem as representações cognitivas em representações subjacentes de natureza pragmática e semântica (Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente).

As regras de codificação convertem as representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas (Níveis Morfossintático e Fonológico, respectivamente).

De modo a representar o processo cognitivo pelo qual uma intenção comunicativa é formulada e codificada, Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem uma organização de análise descendente (*top-down*), cuja unidade básica analisável é o Ato Discursivo (A)<sup>1</sup>, definido como a menor unidade do comportamento comunicativo. Daí a GDF ser considerada um modelo de descrição gramatical e não uma gramática do discurso.

Pautados nos estudos de Levelt (1989), Hengeveld e Mackenzie (2008) assumem que o processo cognitivo da interação verbal se realiza de modo descendente, conforme esta ordem: (i) o falante identifica seu propósito comunicativo (informações pragmáticas e contextuais); (ii) seleciona a informação mais relevante de modo que seu propósito seja satisfeito; (iii) codifica as informações em termos gramaticais e fonológicos e, por fim, (iv) realiza a articulação das expressões linguísticas. Segue abaixo a arquitetura global de organização da GDF:

---

<sup>1</sup> Os símbolos utilizados pela GDF serão mencionados neste trabalho conforme sua taxonomia. Isso se fará, no entanto, apenas por caráter ilustrativo, uma vez que as formalizações representadas por meio desses símbolos não serão utilizadas nesta pesquisa.

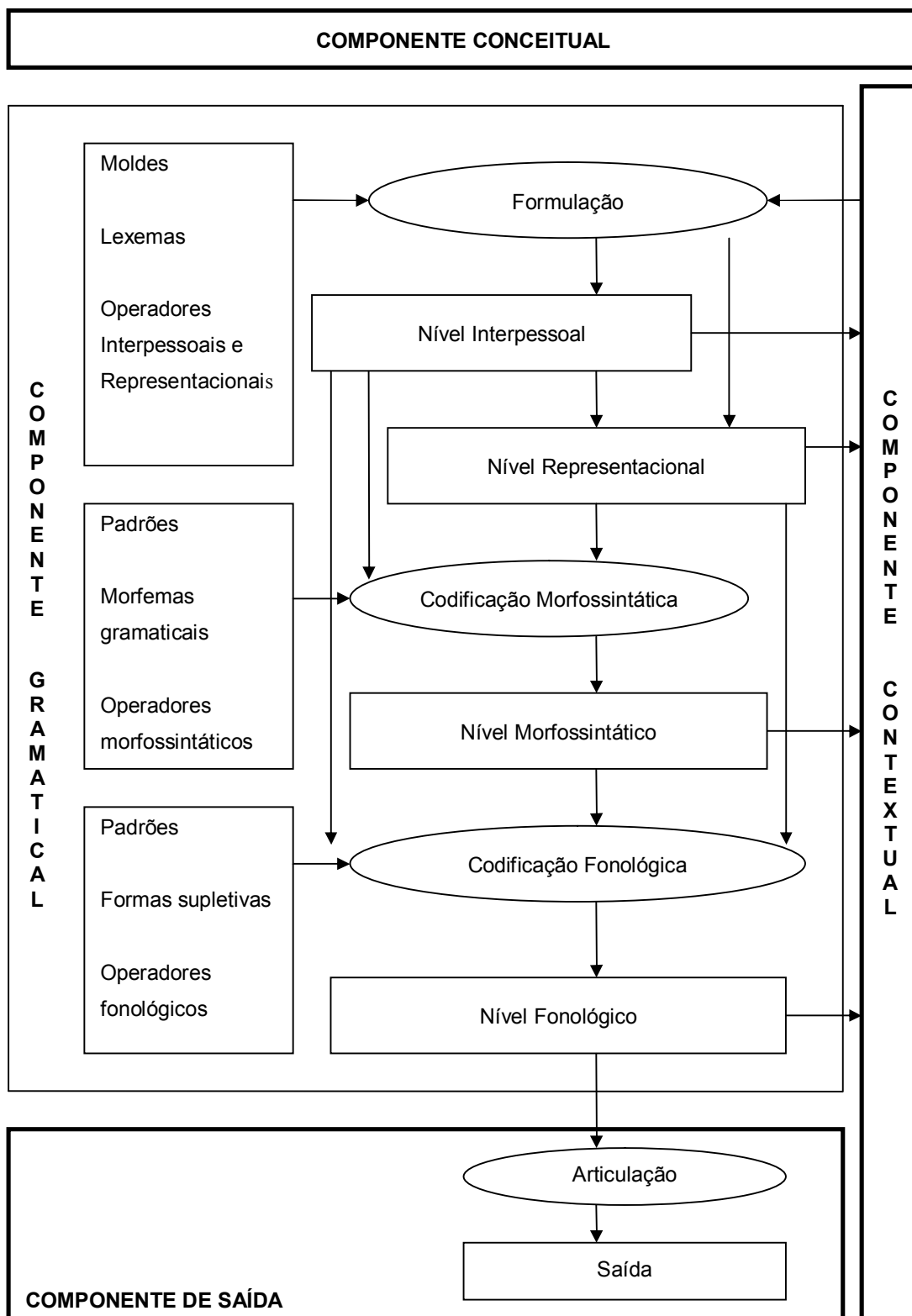


Figura 2: Arquitetura geral da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13)

### 2.1.2.1 Os níveis de organização linguística

Quatro níveis de organização linguística integram o Componente Gramatical e descrevem a língua em termos de suas funções, na medida em que essas funções são codificadas. Cada um dos níveis apresenta sua própria organização em camadas hierárquicas. As camadas apresentam sua própria variável, são restringidas por um núcleo e por modificadores (estratégias lexicais -  $\sigma$ ) e podem ser especificadas por meio de operadores e de funções (estratégias gramaticais -  $\pi$ ). A seguir, discutem-se os níveis que são pertinentes para a análise.

#### 2.1.2.1.1 Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal (pragmático) diz respeito aos aspectos formais que refletem o papel das expressões linguísticas na interação entre falante e ouvinte. Esse nível capta as informações de natureza retórica e pragmática constituintes do discurso, manifestadas por meio das expressões linguísticas.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o falante possui, até certo modo, consciência para selecionar a melhor estratégia comunicativa de modo que seus objetivos sejam atingidos.

Esse nível abrange as informações discursivas, mas somente as que são relevantes para a manifestação linguística.

No Nível Interpessoal, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: *Move* > Ato Discursivo > Conteúdo Comunicado > Subato, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

$(\pi M_1: [$		<i>Move</i>
	$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
	$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
	$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))s$	Falante
	$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))A$	Ouvinte
	$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
	$(\pi T_1: [...] (T_1): \Sigma (T_1))\Phi$	Subato de atribuição
	$(\pi R_1: [...] (R_1): \Sigma (R_1))\Phi$	Subato de referência
	$] (C_1): \Sigma (C_1))\Phi$	Conteúdo Comunicado
	$] (A_1): \Sigma (A_1))\Phi$	Ato Discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$		<i>Move</i>

Nesse nível, a camada mais alta de análise é o *Move* (M), definido como uma unidade discursiva mínima que representa um turno na interação, na medida em que expressa uma ação comunicativa por parte do falante como, por exemplo, um convite, um alerta, uma ameaça (KROON, 1995).

Um *Move* pode desempenhar as funções de iniciação ou de reação e será sempre expresso por meio de um ou de mais Atos Discursivos, que formam o núcleo (simples ou complexo).

O Ato Discursivo contém, ao menos, dois participantes (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado, por sua vez, contém, no mínimo, um Subato, que pode ser atributivo (A), quando o falante tenta evocar uma propriedade, ou referencial (R), quando o falante tenta evocar uma entidade. Em algumas línguas, essa diferença é marcada formalmente; em outras, isso pode ser feito por meio de estruturas copulativas, como demonstram Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 191):

(01) “John is painter.” (Atributivo)  
 ‘John é pintor.’

(02) “John is a painter.” (Referencial)  
 ‘John é um pintor.’

Hengeveld e Mackenzie (2008) ressaltam que, embora o *Move* esteja geralmente em posição inicial, isso não é um fator determinante. Além disso, ele pode ser marcado por meio de modificadores e de operadores. Estes se usam para atenuar ou reforçar a força ilocucionária; aqueles podem atuar sobre o *Move*, como mecanismos de estruturação do discurso (expressões como, por exemplo, *resumindo*, *por outro lado*), ou sobre o Ato, como expressão da atitude do falante (por exemplo, *felizmente*, *honestamente*, *francamente*). Tanto as estratégias lexicais como as gramaticais determinam o papel do *Move* no discurso, conforme estes exemplos de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 59):

(03) “To cut a long story, I’m still considering it, but I doubt very much I’ll get there.”  
 ‘Resumindo, eu ainda estou considerando isso, mas eu duvido muito que eu chegarei lá.’



No exemplo acima, o *Move* contém dois Atos Discursivos, e o modificador (*to cut a long story – resumindo*) tem escopo sobre os dois Atos.

O **Ato Discursivo** pode manifestar-se em unidades maiores do discurso como orações, ou em unidades menores como, por exemplo, interjeições, vocativos e holofrases, uma vez que essas expressões linguísticas também contribuem com o desenvolvimento discursivo.

A relação estabelecida entre os Atos Discursivos pode ser equipolente ou dependente. É equipolente quando há dois ou mais Atos com estatuto comunicativo equivalente, e, dependente quando há uma relação de dependência entre dois Atos com estatuto comunicativo distinto: um nuclear e um não-nuclear.

O Ato Discursivo pode representar uma função retórica no Ato dependente, como a motivação, a orientação, a correção e a concessão. Entende-se por função retórica o modo como os componentes discursivos são organizados a fim de que as estratégias comunicativas do falante sejam atingidas. A seguir, apresentam-se alguns exemplos a respeito dessas funções retóricas extraídos de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 54-56):

- (04) “Watch out, because there will be trick questions in the exam.” (Motivação)  
 ‘Tome cuidado, porque haverá perguntas capciosas no exame.’
- (05) “My brother, I promise not to betray him.” (Orientação)  
 ‘Meu irmão, eu prometo não traí-lo.’
- (06) “I’d like to give your mother – your sister (I mean) – her book back.” (Correção)  
 ‘Eu gostaria de devolver o livro a sua mãe, (quer dizer), a sua irmã.’
- (07) “The work was fairly easy, although (I concede that) it took me longer than expected.” (Concessão)  
 ‘O trabalho foi razoavelmente fácil, embora (eu assumo que) tenha levado mais tempo do que eu esperava.’

Assim como o *Move*, o Ato Discursivo também pode ser marcado por meio de modificadores e de operadores. As estratégias lexicais servem para expressar ênfase em relação ao Ato Discursivo, enquanto as estratégias gramaticais servem para expressar, além da ênfase, a ironia e a atenuação.

De acordo com os pressupostos da GDF, o **Conteúdo Comunicado** (C) constitui o conteúdo da mensagem de Atos Discursivos e é sempre atribuído ao Falante. O Conteúdo Comunicado pode representar as funções pragmáticas de figura x fundo; tópico x comentário; contraste x sobreposição e podem ser marcados por meio de modificadores que expressam ênfase ou reportatividade como, por exemplo, *felizmente*, *sinceramente*. Os operadores também podem expressar ênfase ou reportatividade.

Na próxima subseção, discute-se o segundo nível da GDF – o Nível Representacional.

### 2.1.2.1.2. Nível Representacional

O Nível Representacional (semântico) diz respeito aos aspectos de natureza semântica das expressões linguísticas, as quais estabelecem uma relação com o mundo que essas expressões descrevem. Esse nível se refere às categorias de designação (animado/inanimado), funções semânticas (Ator, Paciente, Lugar), oposições de número (singular, plural, dual) e dos advérbios modificadores do conteúdo proposicional (*obviamente*, por exemplo).

Sendo o Nível Representacional responsável pela designação (denotação), Hengeveld e Mackenzie (2008) propuseram novas categorias semânticas de diferentes ordens às categorias Indivíduo, Estado de coisas e ao Conteúdo Proposicional propostas por Lyons (1977). Segundo a GDF, incluem-se as categorias Episódio, Tempo e Lugar.

Segue abaixo o quadro com os tipos de entidades, suas variáveis e os exemplos correspondentes a cada entidade:

Quadro 2: Tipos de entidade na GDF (adaptado de Hengeveld, 1989)

<b>Categoria semântica da entidade</b>	<b>Variável</b>	<b>Exemplo</b>
Conteúdo Proposicional	(p)	Ideia
Episódio	(ep)	Sumário
Estado de coisas	(e)	Encontro
Propriedade/relação	(f)	Cor
Indivíduo	(x)	Cadeira
Lugar	(l)	Jardim
Tempo	(t)	Semana

No Nível Representacional, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Conteúdo Proposicional > Episódio > Estado de coisas, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

$(\pi p_1:$	Conteúdo Proposicional
$(\pi ep_1:$	Episódio
$(\pi e_1:$	Estado de Coisas
$[(\pi f_1: [$	Propriedade Configuracional
$(\pi f_1: \diamond (f_1): [\sigma (f_1)\Phi])$	Propriedade Lexical
$(\pi x_1: \diamond (x_1): [\sigma (x_1)\Phi])\Phi$	Indivíduo
...	
$] (f_1): [\sigma (f_1)\Phi]$	Propriedade Configuracional
$(e_1)\Phi]: [\sigma (e_1)\Phi]$	Estado de Coisas
$(ep_1): [\sigma (ep_1)\Phi]$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1)\Phi]$	Conteúdo Proposicional

No Nível Representacional, a camada mais alta de análise é o **Conteúdo Proposicional** (p). Um Conteúdo Proposicional é um construto mental que não existe no tempo nem no espaço, mas que pode ser avaliado em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, crença) ou em termos de sua fonte ou de sua origem (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência). Entende-se por atitude proposicional o grau de comprometimento do falante em relação àquilo que se diz. Isso pode ser expresso por meios lexicais ou por gramaticais.

Conteúdos Proposicionais podem ser atribuídos, também, a outras pessoas que não sejam o próprio falante, segundo estes exemplos dos autores, p. 144:

- (08) “Jenny believed that *her mother may would visit her.*”  
‘Jenny acreditava que *talvez* sua mãe fosse visitá-la.’
- (09) “Jenny hoped that *her mother may would visit her.*”  
‘Jenny esperava que *talvez* sua mãe fosse visitá-la.’
- (10) “Jenny went home because *her mother may would visit her.*”  
‘Jenny foi para casa porque *talvez* sua mãe fosse visitá-la.’

Nos três exemplos acima, o Conteúdo Proposicional encaixado é atribuído ao indivíduo *Jenny*, introduzido na oração-núcleo. Nota-se que o Conteúdo Proposicional foi restringido pelo modificador de dúvida, *talvez*, que expressa uma atitude proposicional.

O **Episódio** é definido como um conjunto de Estados de coisas, que representa um bloco tematicamente coerente de um trecho narrativo. Os eventos que constituem um

Episódios são ordenados, geralmente, de acordo com sua subsequência temporal, sobretudo na modalidade escrita.

Os Episódios podem ser modificados por marcadores de Tempo Absoluto, enquanto os Estados de coisas, por marcadores de Tempo Relativo. No entanto, no interior do Episódio, é possível combinar ambos os tempos, como ilustram Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 158):

(11) “Coming out, stopping to check the mailbox, taking a look at the drive-way and pausing to adjust his hat, he walked to this car.”

‘Ao sair, parando para verificar a caixa de correio, dando uma olhada para a calçada e parando para ajustar o seu chapéu, ele caminhou até seu carro.’

No exemplo acima, todas as orações descrevem, juntas, um Episódio, que é localizado no tempo absoluto por meio do verbo na forma finita *walked* (*caminhou*), enquanto os Estados de coisas são localizados no tempo relativo pelas formas verbais não-finitas.

Os **Estados de coisas** (e) são entidades que podem ser localizadas no tempo e no espaço e podem ser avaliadas em termos de realidade. Conforme mencionado anteriormente, os Estados de coisas são modificados por marcadores de Tempo Relativo como, por exemplo, *após a aula*, *minutos depois*, *em dois dias*, entre outros.

Os modificadores dos Estados de coisas podem marcar o lugar, o tempo relativo e a frequência de ocorrência; a realidade; o cenário físico e cognitivo do Estado de Coisas, consoante Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 171):

(12) “Sheila works in London.” (Lugar)  
‘Sheila trabalha em Londres.’

(13) “Sheila went out before dinner.” (Tempo Relativo)  
‘Sheila foi embora antes do jantar.’

(14) “Sheila goes to London frequently.” (Frequência)  
‘Sheila vai a Londres frequentemente.’

(15) “Sheila is actually a Guy.” (Realidade)  
‘Sheila é, na verdade, um rapaz.’

- (16) “Sheila fell ill because of the heavy rainfall.” (Causa)  
 ‘Sheila ficou doente por causa das fortes chuvas.’
- (17) “Sheila stayed home so that she could watch television.” (Propósito)  
 ‘Sheila ficou em casa para que pudesse assistir à televisão.’

Os operadores, por sua vez, marcam o lugar, o tempo relativo, a modalidade (epistêmica e deôntica), a polaridade e a quantificação, como se vê nestes exemplos, p. 172-180:

- (18) “Jan is away fishing.” (Lugar)  
 ‘Jan está pescando.’
- (19) “Tomorrow, at three they will have entered.” (Tempo Relativo)  
 ‘Amanhã, às três, eles terão entrado.’
- (20) “We’ll probably die for lack of water.” (Modalidade)  
 ‘Nós, provavelmente, morreremos por falta de água.’
- (21) “Sheila saw that Peter had left.” (Percepção)  
 ‘Sheila viu que Pedro saiu.’
- (22) “He is not a king.” (Polaridade)  
 ‘Ele não é um rei.’
- (23) “They habitually go to bed at ten o’clock.” (Quantificação)  
 ‘Eles, habitualmente, dormiam às dez horas.’

Expostas as principais categorias semânticas do Nível Representacional, na próxima subseção, discute-se o terceiro nível da GDF – o Nível Morfossintático.

### 2.1.2.1.3 Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático diz respeito às propriedades lineares das expressões linguísticas desde a estrutura de sentenças, orações e de sintagmas, até a estrutura interna das palavras. Nesse nível, as informações semânticas e pragmáticas representadas nos níveis ascendentes são codificadas numa representação estrutural, em que as relações de escopo se refletem na organização linear das Expressões Linguísticas.

A unidade linguística é examinada a partir de sua configuração sintática. Constituem, portanto, o Nível Morfossintático, informações como as relações de tempos e modos verbais das orações; atribuição de funções sintáticas (Sujeito, Objeto); as relações de concordância verbal e nominal. Além desse conjunto de primitivos, operam também os operadores secundários, os morfemas (Xs) e os afixos (Aff).

Hengeveld e Mackenzie (2008) não distinguem os níveis sintático e morfológico, uma vez que os padrões funcionais que regem a formação de palavras são os mesmos que regem a estrutura de frases e de orações.

No Nível Morfossintático, estão previstas as seguintes camadas hierárquicas, organizadas de modo descendente: Expressão Linguística > Oração > Sintagma > Palavra, as quais apresentam a seguinte configuração formal:

(Le <sub>1</sub> :	Expressão Linguística
(Cl <sub>1</sub> :	Oração
(Xp <sub>1</sub> :	Sintagma
(Xw <sub>1</sub> :	Palavra
(Xs <sub>1</sub> )	Raiz
(Aff <sub>1</sub> )	Afixo
(Xw <sub>1</sub> ))	Palavra
(Xp <sub>1</sub> ))	Frase
(Cl <sub>1</sub> ))	Oração
(Le <sub>1</sub> ))	Expressão Linguística

A seguir, discutem-se apenas as camadas que são pertinentes a este trabalho: Expressão Linguística e Oração.

Uma **Expressão Linguística** (Le) é a representação de, ao menos, uma unidade morfossintática. As Orações, Frases ou Palavras, por exemplo, são Expressões Linguísticas

manifestadas por meio de combinações distintas, mas que partilham as mesmas propriedades morfosintáticas.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 309), uma Expressão Linguística pode constituir-se conforme o quadro a seguir:

Quadro 3: A constituição de uma Expressão Linguística

	<b>Dependência mútua</b>	<b>Dependência única</b>	<b>Não dependência</b>
Oração	Equiordenação (24)	Cossubordinação (26)	Coordenação (28)
Sintagma	Equiordenação (25)	Extra-oracional (27)	Lista (29)

Segundo a classificação acima, Orações e Sintagmas Equiordenados se caracterizam pela dependência mútua entre as unidades que constituem a Expressão Linguística. Nesses casos, a oração comparativa é constituinte da oração-núcleo, como se vê em Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 308):

- (24) “She sings as well as Mohan used to sing.”  
‘Ela canta tão bem quanto Mohan cantava.’
- (25) “The disciple is as the teacher.”  
‘O discípulo é como o professor.’

Ao contrário dos exemplos mencionados anteriormente, há casos em que Expressões Linguísticas podem conter uma unidade dependente, e a outra não. Quando há um núcleo independente, e uma oração dependente, mas que não é constituinte da oração nuclear, essa relação se denomina Cossubordinação; quando é expressa por Sintagmas, denomina-se Extra-oracional, segundo ilustrado pelos autores, p. 308:

- (26) “I threw it carefully and it didn’t break.”  
‘Eu o joguei cuidadosamente e ele não quebrou.’
- (27) “As for the students, they have heard the news yesterday.”  
‘Quanto aos estudantes, eles ouviram as notícias ontem.’

Por fim, quando uma Expressão Linguística se constitui de unidades independentes entre si, e a relação é expressa por Orações, denomina-se Coordenação; quando é expressa por

Sintagmas, denomina-se Lista. Apesar de essas unidades serem independentes, combinadas entre si, constituem uma única unidade formal, consoante Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 309):

- (28) “Celtic won and Rangers lost.”  
 ‘Os celtas venceram, e os Rangers perderam.’
- (29) “(Can I take your order?) A Big Mac, French fries, and a Coke.”  
 ‘(Posso anotar seu pedido?) Um Big Mac, batatas fritas e uma coca.’

De acordo com a GDF, numa situação comunicativa, o falante não expressa além do que lhe é exigido. Isso significa que, dependendo do contexto, o falante pode expressar-se por meio de fragmentos de oração ou apenas por sintagmas para atingir seus propósitos comunicativos, como ilustra o exemplo (29), composto de três Atos Discursivos: [*A Big Mac – Um big Mac*], [*French fries – batatas fritas*] e [*and a Coke – e uma coca*].

Uma **Oração** (CI) simples se constitui de um ou de mais Sintagmas e Palavras (gramaticais), regida por determinados princípios de ordenação estrutural desses constituintes, incluindo os morfemas, uma vez que estes integram a configuração sintática da Expressão Linguística, analisada neste nível.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), em línguas como o inglês, por exemplo, uma Oração consiste numa sequência ordenada de Palavras, de Frases e de outras Orações encaixadas. No Nível Morfossintático, Frases e Orações podem transmitir funções sintáticas como, por exemplo, as de sujeito e de objeto.

Nota-se, enfim, que, assentada no princípio de que o usuário de uma língua natural tem conhecimento de unidades formais e funcionais, a GDF procura examinar como o falante, motivado por seus objetivos comunicativos, organiza essas unidades, de modo que ele se comunique eficientemente.

O modelo teórico-metodológico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008) possibilita, por meio das camadas e dos níveis, identificar como as escolhas funcionalmente motivadas no Nível Interpessoal co-determinam os níveis subsequentes – Representacional e Morfossintático - nos usos causais e condicionais das locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e de *uma vez que*. A interação desses três níveis permite constatar as regularidades e particularidades das orações introduzidas por essas locuções conjuntivas, considerando a



hipótese de que a distinção entre a leitura/interpretação causal e condicional é possível pela classificação em camadas específicas.

A seguir, apresentam-se a visão das gramáticas tradicionais e alguns estudos de base funcionalista a respeito das orações adverbiais causais e condicionais iniciadas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que*.

## 2.2 A ABORDAGEM TRADICIONAL DE ORAÇÕES CAUSAIS E CONDICIONAIS

Nas gramáticas do português brasileiro, o estudo das orações subordinadas adverbiais causais e condicionais se baseia, fundamentalmente, em fatores sintáticos, sem considerar seu contexto e a situação comunicativa.

A definição tradicional das orações causais se fundamenta na relação lógica de causa-efeito/consequência e a das orações condicionais, numa relação hipotética, e o sentido de uma locução conjuntiva causal e condicional é estabelecido por sua equivalência com a conjunção prototípica de cada grupo: *porque* e *como* nas orações causais, e *se* nas condicionais.

Lima (1999, p. 274) define a oração causal como a que “indica o fato determinante da realização ou não-realização do que se declara na principal”. De acordo com esse autor, as orações subordinadas expressas pelas locuções conjuntivas (*desde que* e *por uma vez que*) podem estar antepostas ou pospostas em relação à oração principal, mas por transmitirem “certa coloração enfática”, a anteposição é, geralmente, a ordem preferida (p. 275):

(30) “***Uma vez que*** não me querem aqui, jamais pisarei nesta cidade.”

(31) “***Dado que*** assim o desejas, assim o farei.”

A oração condicional se define como a que “apresenta a circunstância de que depende a realização do fato contido na principal” (LIMA, 1999, p. 275) e pode expressar:

- a) um fato de realização impossível (hipótese irrealizável);
- b) um fato cuja realização é possível, provável ou desejável.

No caso das condicionais, Lima (1999, p. 278) utiliza o mesmo exemplo para todas as locuções conjuntivas em estudo:

(32) “(**Dado que/ desde que/ uma vez que**) desapareça a causa, cessará o efeito.”

Sacconi (2004, p. 314) define a oração causal como a que “exprime a causa, a justificativa daquilo que se declara na oração principal”.

A oração condicional “exprime hipótese ou condição para que o fato da oração principal se realize ou não” (SACCONI, 2004, p. 315). Esse autor menciona a locução condicional *desde que* (com o verbo no subjuntivo).

(33) “A natureza está pronta a nos ajudar, **desde que** façamos a nossa parte.”

Dentre os autores das gramáticas normativas pesquisadas, Sacconi (2004) foi o único a mencionar a conjunção *se* (= *já que*) com sentido causal. Além desta, o autor menciona também a conjunção *quando* com valor causal sempre que puder ser substituída por *se* equivalente à *já que*<sup>2</sup>, como ilustram os exemplos do autor, p. 314:

(34) “**Se** Marisa gosta de você, por que não a procura?”

(34a) **Já que** Marisa gosta de você, por que não a procura?

(35) “Por que ficar amontoado na cidade, sob a poluição, **quando** existe um mundo de terra fértil no campo para se trabalhar?”

(35a) Por que ficar amontoado na cidade, sob a poluição, **se/já** que existe um mundo de terra fértil no campo para se trabalhar?

Cunha e Cintra (2008) apresentam definições semelhantes às de Sacconi (2004). Entretanto, apesar de os dois autores mencionarem as locuções conjuntivas (*dado que, desde que e uma vez que*), não há exemplo com nenhuma dessas conjunções, tampouco qualquer informação a respeito de seus usos.

Bechara (2009, p.326, 493) define a oração causal como a que “exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal”. Como exemplos de conjunções causais,

<sup>2</sup> Cf. Hirata, 1999 e Neves, 1999a, 1999b, 2000 para mais informações a respeito das relações semânticas entre as orações causais, condicionais e temporais.

o autor menciona, entre outras, a *desde que* e *uma vez que* (com o verbo no indicativo) e apresenta estes dois exemplos:

(36) “***Desde que*** se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e dos jurídicos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados.”

(37) “***Desde que*** assim quiseram, vão arrepender-se.”

Segundo o mesmo autor, as orações condicionais exprimem (p. 327):

- a) uma condição necessária para que se realize ou deixe de realizar-se o que se declara na oração principal;
- b) um fato real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

No que diz respeito às condicionais, Bechara (2009), assim como Sacconi (2004), menciona as locuções conjuntivas *desde que* e *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), mas em relação à locução *dado que* não há informação alguma sobre o modo verbal.

De acordo com Bechara (2009), a gramática tradicional já condenou o emprego de *desde que* com sentido causal, admitindo-o somente com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

Nota-se que a única informação a respeito da diferença entre uma locução conjuntiva causal e condicional é o modo verbal – indicativo quando a oração subordinada expressar causalidade, e subjuntivo quando expressar condicionalidade.

Apesar de o modo verbal ser um critério significativo adotado por alguns autores (SACCONI, 2004 e BECHARA, 2009), a literatura descritiva acerca desse assunto, que se baseia na análise da língua em funcionamento, contraria os rigores prescritos pelas gramáticas normativas e demonstra que o modo verbal não é um critério determinante nem o único a ser considerado na identificação e na classificação de uma oração causal/condicional, visto que são várias as possibilidades de tempos e de modos verbais escolhidos pelos falantes da língua natural, a depender de seus propósitos comunicativos. Portanto, a identificação entre o sentido causal e condicional das orações iniciadas por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que* deve realizar-se a partir do uso.

Exposto o ponto de vista tradicional, a seguir, discutem-se separadamente, as características das relações causais e das condicionais segundo o ponto de vista funcionalista.

## 2.3 ABORDAGENS FUNCIONALISTAS DAS RELAÇÕES CAUSAIS E CONDICIONAIS

### 2.3.1 As relações condicionais

Há vários trabalhos que abordam as orações subordinadas condicionais, sob diferentes perspectivas. A maioria dos estudiosos tem dado maior atenção às orações iniciadas pela conjunção prototípica – *se* (HAIMAN, 1986; COMRIE, 1986; HIRATA, 1999; NEVES, 1999b, 2000), entre outros.

De maneira genérica, o estudo das orações condicionais (relação entre proposições) se baseia nas relações marcadas pela presença da conjunção *se* e de suas equivalentes. Esse critério, no entanto, mostra-se bastante vago ao considerar a língua em funcionamento.

Para Neves (1999b, 2000), a definição da relação condicional, no sentido estrito, baseia-se em critérios lógico-semânticos de condição-consequência/resultado, representada por “*se p, (então) q*” (“*p* verdadeiro e *q* verdadeiro”). A relação entre a oração condicional (entidade *p*) e a oração-núcleo (entidade *q*) é do tipo “*condição para realização*→*consequência/resultado da resolução da condição enunciada* (resultado que se resolve em *realização*, ou *não-realização*, ou *eventual realização*)” (NEVES, 1999b, p. 497).

As orações condicionais se subdividem em três grupos, conforme seu grau de hipoteticidade: a) factuais/reais; b) contrafactuais/irreais e c) eventuais/potenciais.

- a) orações factuais: dada a realização/a verdade de *p*, segue-se, necessariamente, a realização/a verdade de *q* (*real*);
- b) orações contrafactuais: dada a não-realização/a falsidade de *p*, segue-se, necessariamente, a não-realização de *q* (*irreal*);
- c) orações eventuais: dada a potencialidade de *p*, segue-se a eventualidade de *q* (*eventual*).

Sob o ponto de vista da ordem dominante da oração condicional em relação à oração-núcleo, é consenso assumir que a ordem não-marcada é a anteposta (GREENBERG, 1963;

COMRIE, 1986; HIRATA, 1999; HIRATA-VALE, 2005; NEVES, 1999b, 2000, entre outros). A oração condicional anteposta funciona como uma moldura de referência para a oração-núcleo, por isso, Neves (1999b, 2000) diz que a condicional apresenta caráter de tópico discursivo. Sob o ponto de vista da organização da informação contida nas orações condicionais, geralmente, as informações são partilhadas, pressupostas na interação verbal, o que justifica o fato de a anteposição ser a ordem universal (NEVES, 1999b, 2000).

Baseada nas relações condicionais expressas, sobretudo pela conjunção *se*, Neves (1999b, 2000) afirma que, em todas as condicionais factuais, dada sua natureza, o modo verbal predominante é o indicativo tanto na oração adverbial como na oração-núcleo.

Nas contrafactuais, o verbo da adverbial é, geralmente, expresso no modo subjuntivo com referência temporal passada.

Nas eventuais, concebidas como as relações condicionais prototípicas, as possibilidades de correlações modo-temporais são maiores. Na oração adverbial, embora prevaleça o modo subjuntivo, pode haver também o indicativo. Na oração-núcleo, prevalece o modo indicativo.

Conforme mencionado anteriormente, no uso real da língua, a relação entre as proposições das orações condicionais vai além da relação lógica “*se p, (então) q*”. Uma oração condicional pode relacionar-se, também, à relevância comunicativa de um ato de fala.

Desse modo, Sweetser (1990) propõe que se considerem três domínios de interpretação semântico-pragmática das conjunções condicionais: (i) domínio de conteúdo; (ii) domínio epistêmico e (iii) domínio dos atos de fala (ou conversacional).

No **domínio de conteúdo**, a conjunção que une os dois Estados de coisas indica que a condição veiculada pela oração condicional deve ser preenchida para a realização do Estado de coisas da oração-núcleo, conforme este exemplo de Sweetser (1990, p.114):

- (38) “If Mary goes, John Will go.”  
 ‘Se Mary vai, John irá.’

No exemplo acima, a ida ou não de Mary implica a ida ou não de John a determinado lugar. No domínio de conteúdo, as orações condicionais se assentam na relação lógica de causa-efeito (*if-then*), que pode ser parafraseada por “Se [oração condicional], então [oração-núcleo]”.

No **domínio epistêmico**, a validade do conteúdo proposicional veiculado pela oração-núcleo depende da validade da proposição expressa pela oração condicional, como ilustra Sweetser (1990, p. 116):

- (39) “If she is divorced, she’s been married.”  
 ‘Se ela é divorciada, ela foi casada.’

Nesse exemplo, o conhecimento de que a proposição *she is divorced* (*Ela é divorciada*) é verdadeira, é uma condição suficiente para concluir a verdade da proposição *she’s been married* (*ela foi casada*). Há, no entanto, outras configurações que também são passíveis de leitura no domínio epistêmico, demonstrado a seguir (p. 116):

- (40) “If John went to the party, he was trying to infuriate Miriam.”  
 ‘Se John foi à festa, ele estava tentando enfurecer Mary.’

No exemplo acima, é o conhecimento compartilhado que faz com que a verdade da proposição *John went to the party* (*João foi à festa*) leva o falante a concluir que a proposição *he was trying to infuriate Mary* (*ele estava tentando enfurecer Maria*) também seja verdadeira. Nesse tipo de relação, ocorre uma implicação epistêmica em que o conhecimento possibilita determinada conclusão. Uma paráfrase proposta por Sweetser (1990) para esse tipo de relação é: “Se eu *sei* [oração condicional], então eu *concluo* [oração-núcleo]”.

Embora as diferenças entre as condicionais de conteúdo e as epistêmicas não sejam tão óbvias, para essa autora, o que as distingue é o fato de que a relação entre as orações de conteúdo segue a ordem lógica causa-consequência, e a relação entre as orações epistêmicas, consequência-causa.

No **domínio dos atos de fala**, a realização do ato de fala expresso na oração-núcleo é condicionada ao preenchimento do Estado de coisas descrito na oração condicional. A paráfrase para essas orações é “Se [oração condicional], então vamos considerar que eu realizo este ato de fala [expresso na oração-núcleo]”. Para a autora, essas relações se relacionam às máximas de Grice e às de Searle, uma vez que as orações condicionais se referem à condição de relevância ou à de adequação, como ilustra Sweetser (1990, p. 118):

- (41) “If I may say so, that’s a crazy idea.”  
 ‘Se você me permite, essa ideia é maluca.’

- (42) “If it’s not rude to ask, what made you decide to leave IBM?”  
 ‘Se não for indelicado perguntar, o que fez você decidir sair da IBM?.’
- (43) “There are biscuits in the side board if you want them.”  
 ‘Há biscoitos no armário, se você quiser.’

Nos dois primeiros exemplos, a oração condicional é utilizada como mecanismo de polidez. No último exemplo, o Estado de coisas expresso na oração nuclear se torna relevante apenas se o ouvinte estiver com fome.

Nota-se que, dependendo do domínio, as condicionais apresentam diferentes leituras/interpretações. A proposta de Sweetser (1990) é relevante por considerar aspectos funcionais envolvidos na interpretação das relações condicionais.

Na GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 353), as orações subordinadas se distinguem uma das outras pela presença ou pela ausência de: (i) conjunção; (ii) formas verbais especiais, ou de marcas especiais nos argumentos. Em línguas como o espanhol, assim como em português, por exemplo, uma oração subordinada pode distinguir-se da oração principal pelo tipo de conjunção, segundo estes exemplos:

- (44) “Juan no sabe *que* Pedro está enfermo.”  
 ‘Juan não sabe que Pedro está doente.’
- (45) “Juan no sabe *si* Pedro está enfermo.”  
 ‘Juan não sabe se Pedro está doente.’
- (46) “Juan no viene *porque* Pedro está enfermo.”  
 ‘Juan não vem porque Pedro está doente.’

Em relação aos dois primeiros exemplos de orações completivas, em (44), a conjunção é factual, e, em (45), não-factual. No exemplo (46), a conjunção adverbial *porque*, além de ligar os dois Estados de coisas, expressa a função semântica de causa da oração subordinada em relação à oração-núcleo. Isso significa que “[...] uma conjunção pode, além de juntar duas

orações, participar na expressão do significado”<sup>3</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 354).

Percebe-se assim que, para esses autores, as orações devem ser examinadas sob o ponto de vista de sua estrutura semântica interna, o que é feito por Oliveira (2008) que, estritamente sob o ponto de vista da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), analisou as orações condicionais iniciadas por conjunções complexas, considerando que seria possível encontrar diferenças no sentido manifestado por essas locuções.

De acordo com a autora, a conjunção condicional prototípica *se* apresenta um sentido mais amplo, já as locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *uma vez que* classificam-se como restritivas positivas, visto que o sentido dessas locuções restringe o significado da oração condicional. Essa relação se baseia nesta leitura: “a realização da oração condicional leva necessariamente à realização da oração-núcleo, implicando o fato de que a não-realização da condicional leva necessariamente à não-realização da oração-núcleo” (OLIVEIRA, 2008, p. 78).

Em sua análise das conjunções condicionais complexas, Oliveira (2008) adota, ainda, a proposta de Hengeveld (1998) segundo a qual quatro parâmetros semânticos devem ser considerados na classificação das orações adverbiais: (i) tipo de entidade; (ii) facticidade; (iii) pressuposição e (iv) dependência temporal.

Quanto aos **tipos de entidade**, Hengeveld (1998, p. 345-346) faz a seguinte distinção: (i) entidades de **zero ordem** designam uma propriedade ou uma relação; (ii) entidades de **primeira ordem** designam indivíduos<sup>4</sup>; (iii) entidades de **segunda ordem**, um Estado de coisas, que pode ser avaliado em termos de realidade; (iv) entidades de **terceira ordem** descrevem um Conteúdo Proposicional, que pode ser avaliado em termos de verdade, e (v) entidades de **quarta ordem**, um ato de fala, que pode ser avaliado em termos de informatividade:

- (47) “They escaped by sliding down a rope.” (Propriedade – zero ordem)  
 ‘Eles escaparam deslizando por uma corda.’
- (48) “The fuse blew because we had overloaded the circuit.” (Causa – segunda ordem)  
 ‘O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito.’

<sup>3</sup> “[...] a conjunction may, apart from conjoining two Clauses, participate in the expression of meaning”.

<sup>4</sup> Entidades de primeira ordem são representadas por sintagmas nominais, e não por meio de orações (HENGEVELD, 1998).



- (49) “Jenny went home because her sister would visit her.” (Razão – terceira ordem)  
 ‘Jenny foi para casa porque sua irmã iria visitá-la.’
- (50) “Jenny isn’t here, for I don’t see her.” (Explicação – quarta ordem)  
 ‘Jenny não está aqui, por isso eu não a vejo.’

A **factualidade** diz respeito à classificação das orações em factuais e em não-factuais, isto é, são factuais Estados de Coisas reais e Conteúdos Proposicionais verdadeiros; são não-factuais Estados de Coisas não-reais e Conteúdos Proposicionais não-verdadeiros, como se vê nos exemplos extraídos de Hengeveld (1998, p. 346; 351):

- (51) “The fuse blew because we had overloaded the circuit.” (Factual)  
 ‘O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito.’
- (52) “I’ll come tomorrow in case Ann wants me.” (Não-factual)  
 ‘Eu virei amanhã no caso de que Ann me queira.’

A noção de **pressuposição** diz respeito ao modo como o falante elabora o conteúdo de sua mensagem baseado no conhecimento prévio que ele imagina que o ouvinte possua. Isto é, o falante pressupõe que o conteúdo veiculado é pressuposto (real/verdadeiro) ou não-pressuposto (não-real/não-verdadeiro) para o ouvinte, como ilustra Hengeveld (1998, p. 354):

- (53) “After doing the cooking I looked after the garden.” (Factual, pressuposta)  
 ‘Após fazer a comida, eu cuidava do jardim.’
- (54) “The fuse *probably* blew because we had overloaded the circuit.” (Factual, não-pressuposta)  
 ‘O fusível *provavelmente* explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito.’
- (55) “She left without saying goodbye.” (Não-factual, pressuposta)  
 ‘Ela foi embora sem dizer adeus/tchau.’
- (56) “I left early *to catch* the train.” (Não-factual, não-pressuposta)  
 ‘Eu saí cedo *para pegar* o trem.’

As informações de (54) e de (56) são codificadas por meio do advérbio *provavelmente* e pelo verbo *pegar* na forma não-finita (infinitivo), respectivamente. Esses elementos formais refletem que o falante emoldurou essas informações como não-pressupostas.

Em relação à **dependência temporal**, Hengeveld (1998, p. 348) se refere à dependência temporal da oração adverbial em relação à da oração-núcleo. O autor distingue dois tipos de oração: a que se realiza com referência temporal dependente (RTD), e a que se realiza com referência temporal independente (RTI), conforme estes exemplos:

(57) “He cut himself while shaving.” (RTD)  
 ‘Ele se cortou enquanto se barbeava.’

(58) “The streets are wet because it is raining/because it is has been raining.” (RTI)  
 ‘As ruas estão molhadas porque está chovendo/porque estava chovendo.’

De acordo com esses parâmetros, portanto, uma oração condicional prototípica seria classificada como uma entidade de terceira ordem, não-factual, não-pressuposta e possui referência temporal dependente da referência da oração principal, como demonstra Hengeveld (1998, p. 357):

(59) “He won’t get the job if he has no qualifications.”  
 ‘Ele não conseguirá o trabalho se não tiver qualificações.’

Na GDF, as Orações são consideradas como uma categoria universal da estrutura morfossintática e “podem ocorrer como constituintes de outras orações como **orações adverbiais**<sup>5</sup>, completivas e predicativas”. Desse modo, “uma questão importante do ponto de vista da GDF tem relação com quais fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de um determinado tipo de oração subordinada”<sup>6</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 352).

<sup>5</sup> Grifo nosso.

<sup>6</sup> “Clauses may occur as constituents of other Clauses as adverbial, complement, or predicate Clauses. [...] An important question from an FDG point of view is which interpersonal, representational, and morphosyntactic factors are responsible for the choice of a certain type of subordinate Clause”.

Nesse sentido, em relação ao **Nível Interpessoal**, Oliveira (2008) não constatou nenhuma ocorrência de oração condicional com as locuções conjuntivas restritivas positivas que apresentasse função retórica. Segundo a autora, essa ausência pode ser justificada pelo fato de que as estratégias retóricas que operam na camada dos atos de fala são, predominantemente, expressas pela conjunção condicional prototípica – *se* – sobretudo na modalidade oral, na interação face a face.

[...] as condicionais iniciadas por conjunções complexas analisadas não têm um papel específico no nível interpessoal, já que não se relacionam a um ato do discurso, mas no nível representacional, em que são tratadas questões de natureza semântica (OLIVEIRA, 2008, p. 81-82).

No **Nível Representacional**, Oliveira (2008) verificou um comportamento bastante regular das orações condicionais expressas pelas conjunções complexas. Em relação ao parâmetro *tipo de entidade*, a autora considerou que as condicionais de terceira ordem foram mais frequentes do que as condicionais de segunda ordem. De acordo com a autora, isso pode ser justificado pela própria natureza das orações condicionais, as quais, de modo geral, são usadas para expressarem uma hipótese que, por sua vez, é veiculada por um Conteúdo Proposicional (fato possível). Em seu trabalho, todas as orações condicionais são não-factuais e possuem referência temporal dependente da referência temporal da oração-núcleo. O que as distingue é o parâmetro da pressuposição, visto que a autora constatou orações condicionais de segunda e de terceira ordem que veiculam informação pressuposta e não-pressuposta.

Quanto às correlações modo-temporais, Oliveira (2008) constatou que nas orações condicionais iniciadas pelas locuções conjuntivas, o modo subjuntivo prevalece, sobretudo o presente do subjuntivo. Para a autora, essa restrição é determinada pela presença do elemento conjuncional *que*, o qual constitui as conjunções ‘complexas’ e não, diretamente, ao sentido expresso pela locução (restritivo positivo/negativo).

No **Nível Morfossintático**, a respeito da ordem, Oliveira (2008) verificou que as condicionais iniciadas pelas conjunções complexas com sentido restritivo positivo configuram, predominantemente, orações pospostas, ao contrário das orações condicionais iniciadas pela conjunção *se*, cuja ordem dominante é a anteposta (COMRIE, 1986; HIRATA, 1999; NEVES, 1999, 2000), entre outros.

### 2.3.2 As relações causais

Em relação às orações adverbiais causais, os estudiosos têm dado maior atenção às orações iniciadas pelas conjunções prototípicas *porque* e *como*. Para Neves (1999a, 2000), a relação causal, no sentido estrito (relação entre predicacões – Estados de coisas), baseia-se na relação lógica de causa-efeito/consequência entre dois eventos e implica subsequência temporal do efeito em relação à causa, conforme este exemplo de Neves (1999a, p. 462):

(60) “Ele foi demitido porque roubou”.

Como essa relação indica “causa real”, ou “causa eficiente”, ou “causa efetiva”, a relação de causalidade é expressa, geralmente, pelo modo verbal indicativo, pois esse tipo de relação indica certo grau de certeza (GIVÓN, 1976; NEVES, 1999a, 2000).

Em relação às propriedades discursivas, as orações causais ressaltam “o fato de o segmento que expressa a causa ser uma *pressuposição*, e, portanto, constituir o *fundo*, ou seja, a parte recessiva do significado, e a parte “causada” da construção ser dominante, isto é, ser a *figura* (GARCIA, 1994 *apud* NEVES, 2010, p. 461).

De acordo com Neves (1999a, 2000), determinadas conjunções configuram, predominantemente, orações antepostas, outras, pospostas em relação à oração-núcleo. A conjunção *porque*, por exemplo, configura orações pospostas. Isso se deve ao fato de as orações iniciadas por essa conjunção veicularem informação nova, não-compartilhada a um pedido de informação específica. A conjunção *como*, ao contrário da anterior, configura orações sempre antepostas, e as orações iniciadas por essa conjunção veiculam informação partilhada, consensual.

A respeito das locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *uma vez que*, Neves (1999a, 2000) afirma que as locuções constituídas do elemento *que*, as quais apresentam em sua base, um elemento temporal ou um particípio passado, geralmente, iniciam orações pospostas. Pode-se dizer, portanto, que, quanto ao fluxo de informação, as orações iniciadas por essas locuções conjuntivas ora funcionam como as orações iniciadas com *como* (tópicos) ora como as iniciadas com *porque* (remáticas). A seguir, apresenta-se um quadro adaptado de Neves (2001, p. 18) correspondente a essas locuções:

Quadro 4: Base das locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *uma vez que*

Causais	Base verbal	Base preposicional	Base adverbial
	<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>

Dadas as bases das locuções conjuntivas em estudo, para Neves (2001, p. 17-18), “o participípio e a preposição são acionadores de funcionamento de satélites, e o advérbio, por sua vez, é, reconhecidamente, o protótipo desses satélites”. Segundo Neves (2000), o conteúdo veiculado por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que* é posto, verificado.

Ainda em relação à ordem, para a autora, a iconicidade também deve ser considerada em termos discursivos:

[...] na maior parte dos casos, primeiro se assenta a informação compartilhada (seja ela um **efeito** ou uma **causa**), e depois se traz a informação nova (seja ela uma **causa** ou um **efeito**), embora a língua tenha mecanismos para marcar diferentemente algumas construções (NEVES, 2000, p. 815).

Para Neves (1999a, 2000), a maioria das orações causais reflete a ordem não-icônica, uma vez que se enuncia primeiro a consequência, depois a causa. De acordo com a autora, embora a ordem icônica seja causa-efeito/consequência, pode-se dizer que a ordem inversa reflete a iconicidade no sentido de que, a partir do efeito, deduz-se a causa.

No que diz respeito às relações de tempo e modo verbais nas relações causais, segundo a autora, as orações causais são expressas, geralmente, pelo modo verbal indicativo por constituírem uma proposição com forte grau de certeza. Em relação às locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e à *uma vez que*, todas as ocorrências encontradas em Neves (2000) estão no modo indicativo tanto na oração-núcleo como na oração causal.

Segundo pressupostos funcionalistas, questões estruturais como a ordem frasal e as correlações modo-temporais estão relacionadas às estratégias discursivas do falante, por isso “uma interpretação correta das construções causais depende de uma escolha pragmaticamente motivada para a consideração do que essas construções representam” (NEVES, 1999a, p. 494).

Nesse sentido, de acordo com Sweetser (1990, p. 78), as conjunções podem veicular diferentes leituras/interpretações, dependendo do contexto em que estão inscritas, por isso “uma interpretação “correta” não depende da forma, mas de uma escolha pragmaticamente motivada entre considerar as construções como representação de unidades de conteúdo, ou de

entidades lógicas, ou de atos de fala.”<sup>7</sup> A análise em três domínios de interpretação semântico-pragmática também se faz relevante para as relações causais.

No **domínio de conteúdo**, a conjunção que une os dois Estados de coisas veicula a causa de um evento no mundo real, como demonstra Sweetser (1990, p. 77):

- (61) “John came back because he loved her.”  
 ‘John voltou porque ele a ama.’

No exemplo acima, *o amor de John é a causa real de sua volta*. Para esse tipo de relação, Sweetser (1990) propõe a seguinte paráfrase: “Eu *concluo* que ele deve ter voltado, porque eu *sei* que ele a ama”.

No **domínio epistêmico**, a junção reflete a causa de uma crença ou de uma conclusão. A validade do conteúdo proposicional veiculado pela oração-núcleo depende da validade da proposição expressa pela oração causal, como se vê a seguir (p. 77):

- (62) “John loved her, because he came back.”  
 ‘John a ama, porque ele voltou.’

Nesse exemplo, o falante parte da premissa de que a proposição *he came back (ele voltou)* é verdadeira para concluir que proposição *John loved her (John a ama)* é também verdadeira. Nesse tipo de relação, ocorre uma implicação epistêmica em que o conhecimento partilhado causa/possibilita determinada conclusão. Dito de outro modo, é o *conhecimento* da volta de John que leva o falante a *concluir* que John ama “essa” mulher. Isso pode ser parafraseado desta maneira: “Como eu *sei* [oração causal], eu *concluo* [oração-núcleo]”.

No **domínio dos atos de fala** (ou conversacional), por sua vez, a relação causal ocorre entre um ato de fala e a causa que motivou esse ato de fala (declarativo; interrogativo; injuntivo – deôntico ou imperativo), conforme este exemplo da autora (p. 77):

- (63) “What are you doing tonight, because there’s a good movie on?”  
 ‘O que você vai fazer esta noite, porque está passando um filme bom.’

No exemplo acima, a declaração expressa na oração causal explica por que o falante emitiu determinado ato ilocucionário interrogativo expresso na oração-núcleo.

<sup>7</sup> “[...] and that the choice of a “correct” interpretation depends not on form, but on a pragmatically motivated choice between viewing the conjoined clauses as representing content units, logical entities, or speech acts”.

Sweetser (1990) demonstra que a interpretação de uma oração depende do domínio em que se faz a leitura/interpretação do conteúdo emitido pelo falante. Sua proposta é relevante por considerar aspectos semântico-pragmáticos envolvidos na interpretação das relações causais.

A partir de uma perspectiva baseada, essencialmente na distinção e na classificação das relações causais propostas por Hengeveld (1998) e por Hengeveld e Mackenzie (2008), Spósito (2011) examina, na lusofonia, as orações adverbiais que expressam causalidade a fim de identificar as regularidades e as diferenças entre seus subtipos. Para Hengeveld (1998), as relações causais se subdividem em três tipos, Causa, Razão e Motivação, que são classificados de acordo com os parâmetros semânticos propostos por ele. A oração causal, no sentido estrito, seria classificada como uma entidade de segunda ordem, factual, não-pressuposta, com referência temporal independente da referência da oração principal, como Hengeveld (1998, p. 357) demonstra:

- (64) “The fuse blew because of our overloading the circuit.”  
 ‘O fusível explodiu porque nós sobrecarregamos o circuito.’

De acordo com Hengeveld (1998), a relação Causal descreve dois eventos independentes, dois Estados de coisas, cujo evento expresso na oração causal desencadeia a ocorrência do evento expresso na oração-núcleo, sem qualquer envolvimento intencional por parte de um agente no evento da oração nuclear. A oração causal é considerada como factual, conforme o exemplo extraído de Spósito (2011, p. 2):

- (65) “Escureceu muito rapidamente **porque estava ameaçando chuva.**” (Bra80:Fazenda)

Uma vez que Estados de coisas podem ser avaliados em termos de realidade, Spósito (2011, p. 2) qualifica-os com o modificador de realidade *de fato*, como se vê nos exemplos seguintes:

- (65<sup>a</sup>) “[*De fato*], escureceu muito rapidamente **porque estava ameaçando chuva.**”  
 (65b) “Escureceu muito rapidamente **porque [*de fato*] estava ameaçando chuva.**”

Segundo a autora, como o Estado de coisas descrito na oração causal modifica o Estado de coisas descrito na oração-núcleo, a oração causal entre conteúdos é um modificador predicacional. Spósito (2011) verificou que todas as relações causais que ocorrem entre dois Estados de coisas são marcadas por uma conjunção, sobretudo pela prototípica *porque*, a qual se caracteriza por iniciar orações pospostas (PAIVA, 1995; BRAGA, 2006 *apud* SPÓSITO, 2011) e por apresentar informação nova ou inferível de outras porções no discurso.

No **Nível Interpessoal**, de acordo com Spósito (2011), as orações causais não apresentam função retórica, e as duas orações (nuclear e causal) formam um único Ato Discursivo. No **Nível Representacional**, essas relações são sempre factuais, uma vez que elas descrevem Estados de coisas avaliados como reais. No que diz respeito à referência temporal, as orações causais são temporalmente independentes da oração-núcleo. Por fim, em relação ao **Nível Morfossintático**, a oração causal é subordinada visto que ela é totalmente dependente da oração nuclear.

A partir do exposto, pode-se dizer que, entre as propostas de Dik (1989), Sweetser (1990) e de Hengeveld e Mackenzie (2008), há uma convergência que pode ser apreendida no quadro a seguir:

Quadro 5: Dik (1989), Sweetser (1990) e Hengeveld e Mackenzie (2008)

<b>Camadas de Dik</b>	<b>Domínios de Sweetser</b>	<b>Camadas (e Níveis) de Hengeveld e Mackenzie</b>
Predicação	Conteúdo	Estado de coisas (Representacional)
Proposição	Epistêmico	Conteúdo Proposicional (Representacional)
Frase	Atos de fala	Ato Discursivo (Interpessoal)

Em relação aos parâmetros de análise propostos por Hengeveld (1998), a classificação das orações causais e das condicionais é a que se encontra no quadro abaixo:

Quadro 6: Orações adverbiais causais e condicionais

<b>Oração adverbial</b>	<b>Tipo de entidade</b>	<b>Factualidade</b>	<b>Pressuposição</b>	<b>Referência temporal</b>
Causal	2ª ordem	Factual	Não-pressuposta	RTI
Condicional	3ª ordem	Não-factual	Não-pressuposta	RTD

Como se vê, os parâmetros que distinguem as orações causais das condicionais são tipo de entidade, factualidade e referência temporal, como se pretende mostrar na análise dos dados.



Expostas as questões teóricas, na próxima seção, apresenta-se a metodologia, com informações sobre o cópuz e sobre os critérios de análise adotados neste trabalho.

### 3 METODOLOGIA

De acordo com Biderman (2001) e com Berber Sardinha (2004), a Linguística de Corpus trabalha com *corpora* baseados em linguagem natural, autêntica para reproduzir, com máxima fidelidade, a realidade linguística. Considerando a afinidade entre a Gramática Funcional (GF) e a Linguística de Corpus (LC) dada a importância ao uso efetivo da linguagem e ao procedimento indutivo adotado por ambas, faz-se necessário, sob a perspectiva da teoria funcionalista, desenvolver uma pesquisa sincrônica e descritiva que examine os mecanismos internos (aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos) e externos (aspecto pragmático) que regem a configuração dessas expressões linguísticas na interação verbal.

Para o desenvolvimento deste estudo, cumpriram-se as seguintes etapas:

Esta pesquisa se iniciou com um amplo levantamento bibliográfico a respeito da Gramática Funcional de Dik (1989), Hengeveld (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008), e de demais autores próprios ao tema e aos textos descritivos sobre as orações adverbiais causais e condicionais. Consultaram-se também algumas gramáticas normativas como as de Napoleão Mendes de Almeida (1963), Rocha Lima (1999), Antônio Sacconi (2004), Cunha e Cintra (2008) e a de Evanildo Bechara (2009).

Após o levantamento bibliográfico, realizaram-se pesquisa e seleção do *córpus*, que é composto de textos escritos obtidos no *Corpus do Português*, disponível em [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org); o *córpus* é composto de 45.000.000 palavras encontradas em quase 57.000 textos em português do século XIV ao XX. Por meio desse *córpus*, é possível pesquisar textos do registro oral, fictício, jornalístico e acadêmico; estabelecer comparações por períodos históricos e entre o português brasileiro e o europeu.

De modo a delimitar este trabalho, o mesmo apresenta caráter sincrônico referente ao século XX e se baseia em textos escritos formais do português do Brasil. Os textos em português brasileiro referentes a esse período se constituem de, aproximadamente, 10.000.000 de palavras divididas da seguinte maneira: os textos acadêmicos se compõem de 2.816.802 palavras, os jornalísticos, de 3.346.988, os de ficção, de 3.028.646 e os do registro oral, de 1.078.586. As edições dos textos jornalísticos são de 1994 a 1998 e se encontram nos jornais *Correio do Povo* – jornal de Porto Alegre / Rio Grande do Sul – (<http://www.correiodopovo.com.br>), *O Estado de S. Paulo* (<http://www.estado.com.br>) e (<http://www.estadao.com.br>), *Folha de São Paulo* (<http://www.linguateca.pt/Floresta/>), *Gazeta do Povo* – jornal de Curitiba / Paraná - (<http://www.ondarpc.com.br/gazetadopovo>) e

*Pernambuco.com* (<http://www.pernambuco.com/diario>). Já os textos acadêmicos são resenhas, artigos científicos publicados em periódicos, dissertações e teses, disponíveis em <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/corpora.htm> e em <http://www1.uol.com/biblioteca/enciclop/>.

No exame inicial do corpus, coletou-se o total de 1366 ocorrências, as quais se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 1: Número de ocorrências (dado bruto)

<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	TOTAL
42	491	833	1366

Em seguida, realizou-se a leitura dessas 1366 ocorrências a fim de identificar quais realmente serviriam ao propósito desta pesquisa, visto que, em determinados casos, as expressões *dado que*, *desde que* e *uma vez que* não correspondiam às locuções conjuntivas causais e condicionais.

Em relação à locução *dado que*, excluíram-se as ocorrências em que a expressão *dado* representava um sintagma nominal e o *que*, pronome relativo:

- (01) No caso da rede Elman, dos 44 exemplos que apresentam erro, 7 (15.9%) se inserem no caso 1 descrito acima; 10 (22.7%) estão no caso 2 e 27 (61.4%) estão no caso 3. O caso número 3 é talvez o mais importante nesta avaliação, pois é ele quem aponta os erros mais graves das redes neurais, ou seja, os casos que estão previstos no treinamento mas não foram respondidos corretamente. Por isso, optamos por colocá-lo na tabela para que possa refletir mais os erros efetivos. *Um dado que também devemos observar é a porcentagem de dúvidas ou omissões das redes neurais.* (19Ac:Br:Lac:Misc)

Houve apenas uma ocorrência em que *dado* correspondia à forma nominal do verbo *dar*, no participípio passado e o *que*, pronome relativo:

- (02) Foram um estudo de Emílio de Laveleye acerca dos Niebelungen e da antiga poesia popular germânica, um ensaio de Pedro Leroux sobre a Gothe e um livro de Eugênio Poitou sob o título - Filósofos Franceses Contemporâneos. O primeiro meteu-me nessas encantadas regiões de folclore, crítica religiosa, mitologia, etnografia, tradições populares, que me têm sempre preocupado. *O segundo nas acidentadas paragens da crítica literária moderna, que tanto me tem dado que fazer.* (19:Fic:Br:Rio:Momento)

Quanto à *desde que*, houve várias ocorrências, sobretudo nos textos jornalísticos, em que essa expressão correspondia a tempo. Na maioria dos casos, constatou-se um modificador temporal na oração adverbial que reforçava esse sentido:

- (03) Problema aparentemente sanado, o produtor escolheu outra, A Felicidade. Mas a história se repetiu. “Fiz os arranjos de base e passei as harmonias para o Tim, mas ele gostou demais do resultado e também não me entregou a fita”, lamentou Almir Chediak. Mesmo com ausências significativas, o songbook de Tom Jobim não deixa arestas. *É o oitavo trabalho do professor de harmonia e violonista Almir Chediak desde que iniciou o projeto, em 1991, com a obra de Noel Rosa.* (19N:Br:Bahia)

Em outras ocorrências, embora não houvesse a presença de um modificador de tempo, foi possível compreender seu sentido por meio do contexto:

- (04) Morse gosta de Mozart, Callas, os poetas certos e, sendo inglês, é perdoável que admire alguns corais pátrios, música de igreja. John Thaw representa Morse. Para grande irritação dos fãs, Colin Dexter revelou que o primeiro nome de Morse, nunca antes enunciado, é Endeavour. Seu sargento, Lewis, é bem menos instruído do que o chefe, obediente, atento e alvo de comentários sarcásticos de Morse sobre seu misto de filistinismo e ignorância. Mas Lewis paga sempre a cerveja dos dois no botequim inglês. O ator é Ken Whateley. *Desde que vi a primeira história, uma campainha tocou muito baixinho na minha memória.* Os dois parecem com alguém da nossa infância. Em tempo, quem, apareceu misteriosamente na minha memória. O Gordo e o Magro. (19N:Br:Cur)

Em relação à locução conjuntiva *uma vez que*, houve ocorrências em que essa expressão correspondia à quantidade:

- (05) Os estudantes trabalhariam durante quatro horas por dia. Ao contrário de FHC, todos os outros presidenciáveis foram poupados em o discurso de Quércia. Mais tarde, em entrevista coletiva, ele também atacou o petista Lula. É um candidato de direita que se faz de esquerda. O PT é uma espécie de oligarquia. É uma espécie de Mussolini com sua ação política em a Itália aqui em o Brasil. Em alguns momentos de seu discurso, Quércia lembrava o ex-presidente Fernando Collor. *Falou mais de uma vez que quer ganhar para defender os pobres e os desprotegidos.* Quércia disse ser o único candidato que defende os pobres. (19N:Br:Folha)

Realizada essa triagem, desenvolveu-se um exame descritivo das orações adverbiais causais e condicionais introduzidas por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que*, considerando os fatores internos (estrutura) e os externos (contextuais) que regem a configuração das orações causais e condicionais a fim de demonstrar como esses fatores são organizados pelo falante de modo que a interação verbal seja bem sucedida.

Além desses fatores, consideraram-se alguns dos processos interligados à configuração dessas orações como a posição da oração causal/condicional (anteposta, medial ou posposta) em relação à oração-núcleo, tempos e modos verbais na oração-núcleo e na adverbial; os parâmetros semânticos (tipo de entidade; factualidade; pressuposição e dependência temporal) propostos por Hengeveld (1998); níveis e camadas de Hengeveld e Mackenzie (2008), e os domínios de Sweetser (1990).

Em seguida, apresentaram-se por meio de tabelas, as semelhanças, diferenças e as particularidades verificadas nos usos causais e condicionais das orações iniciadas com essas locuções conjuntivas segundo critérios formais e semântico-pragmáticos.

Esta pesquisa visa não apenas ao conhecimento aprofundado sobre o funcionamento e o uso efetivo de uma língua natural como também a fornecer e/ou aprimorar dados linguísticos significativos para o tratamento automático da linguagem, em especial, colaborando com os trabalhos desenvolvidos no Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) de São Carlos, São Paulo, Brasil, já que o Processamento de Línguas Naturais (PLN) “recorre à Linguística procurando depreender da sua descrição as informações que farão da máquina um instrumento sensível aos fenômenos da língua natural” (DIAS DA SILVA *et al.*, 2007, p. 15).

Na próxima seção, apresenta-se a análise dos dados.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Baseada nos pressupostos teórico-metodológicos abordados neste trabalho e no *cópus* utilizado, apresentam-se os resultados da análise, a qual se baseou em 1092 ocorrências, conforme se apresentam na tabela seguinte:

Tabela 2: Número de ocorrências das locuções conjuntivas

<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	TOTAL
33 3,1%	301 27,5%	758 69,4%	1092

Coletadas todas as ocorrências, fez-se uma segunda leitura a fim de distinguir as ocorrências causais das condicionais. Para tanto, considerou-se o modo verbal da oração adverbial, visto que, por sua própria definição, o modo indicativo veicula algo dado como certo, o que estaria em consonância com a interpretação causal das locuções sob análise, enquanto o modo subjuntivo, uma incerteza, que seria veiculada pelas locuções com sentido condicional.

Hengeveld (1989, 1998) e Hengeveld e Mackenzie (2008) compreendem o modo verbal como um critério semântico que diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade. Em Hengeveld (1989), o autor assume que, quando o falante se compromete com o conteúdo veiculado na oração adverbial, ele opta pelo modo indicativo, mas quando o falante não quer comprometer-se com o conteúdo veiculado na oração adverbial, ele opta pelo subjuntivo.

Para Oliveira (2008), que examinou as conjunções condicionais complexas, o modo subjuntivo é determinado pelo elemento conjuncional *que* o qual constitui essas locuções conjuntivas e não pelo sentido expresso pela locução em si (restritivo positivo/negativo).

Dessa segunda análise, resultou a classificação das 1092 ocorrências em 782 causais e 310 condicionais, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3: Ocorrências causais e condicionais

<b>Oração adverbial</b>	<b><i>Dado que</i></b>	<b><i>Desde que</i></b>	<b><i>Uma vez que</i></b>	<b>TOTAL</b>
Causal	28 3,6% <sup>8</sup>	02 0,3%	752 96,1%	<b>782</b> 71,6% <sup>9</sup>
Condicional	05 1,6% <sup>10</sup>	299 96,5%	06 1,9%	<b>310</b> 28,4%
<b>TOTAL</b>	33 3,0% <sup>11</sup>	301 27,5%	758 69,4%	<b>1092</b>

Apresenta-se, a seguir, a análise das relações causais e condicionais de acordo com os parâmetros propostos por Hengeveld (1998) a fim de verificar se se corrobora a classificação estabelecida pelo autor.

#### 4.1 CAUSALIDADE

Nas relações causais, analisaram-se 782 ocorrências, distribuídas segundo a tabela abaixo:

Tabela 4: Ocorrências causais

<b>Ocorrências causais</b>			
<b><i>Dado que</i></b>	<b><i>Desde que</i></b>	<b><i>Uma vez que</i></b>	<b>TOTAL</b>
28 3,6%	02 0,3%	752 96,1%	<b>782</b>

Nesta pesquisa, compartilha-se da classificação proposta por Hengeveld (1998) e por Hengeveld e Mackenzie (2008) a respeito das orações causais. Para esses autores, uma oração causal, no sentido estrito, estabelece-se entre dois Estados de coisas<sup>12</sup>. Nesse sentido, uma oração causal qualifica a ocorrência do Estado de coisas descrito na oração-núcleo, atuando como um modificador predicacional. Estados de coisas causais descrevem fatos, situações, eventos que podem ocorrer no mundo real, são sempre factuais, descrevem a causa de um

<sup>8</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais (782).

<sup>9</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências (1092).

<sup>10</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências condicionais (310).

<sup>11</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências (1092).

<sup>12</sup> Cf. Spósito (2011).

evento no mundo real, e têm, portanto, uma leitura/interpretação que se faz no domínio de conteúdo.

As orações causais, de fato, representam entidades de segunda ordem, visto que descrevem Estados de coisas, os quais podem ser avaliados em termos de realidade. Estados de coisas podem ser qualificados por modificadores de tempo relativo, de lugar, de frequência de ocorrência, entre outros, conforme demonstram as ocorrências (01), (02) e (03):

- (01<sup>13</sup>) Estas operações têm como objetivo principal, suprir o capital de giro das empresas, nas suas mais diversas necessidades, seja para desenvolver suas atividades, para aumentar a produção, para aquisição de matéria-prima e insumos, construção, reforma e ampliação, aquisição de imóveis comerciais/industriais, aquisição de veículos, despesas diversas e muitas outras. *Quanto às formas de pagamento, os encargos destas operações são geralmente pagos antecipadamente, dado que, na grande maioria das vezes, as duplicatas têm o seu valor expresso em moeda corrente.* (19Ac:Br:Enc)
- (02) APÊNDICE 2 - COMPILAÇÃO DA DCG EM PROLOG Neste apêndice é apresentada a forma como o Prolog compila uma especificação gramatical em DCG. Para estudo mais aprofundado, refira-se a (Clocksin and Mellish, 1981). A estrutura principal que o problema de análise envolve é a sequência de palavras que deve ser analisada. Para isso, isolam-se subsequências dessa estrutura como sendo os vários termos aceitos pela gramática, e ao final da análise, mostra-se que a sentença inteira é aceita como um termo do tipo "sentença". *Desde que o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista, a entrada para o analisador será representada como uma lista do Prolog.* Deste modo, cada palavra será representada como átomos do Prolog. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (03) O profissional de atuariais planeja, controla e gerencia planos de aposentadoria, seguro e fundos de pensão, rendas e empréstimos. Para desenvolver este trabalho, o profissional precisa levar em conta as diversas situações da vida humana como doença, desemprego, acidentes, aposentadoria e morte. *A avaliação dos danos e riscos das propriedades também é função deste profissional, uma vez que, a partir desta avaliação, ele define os preços de seguro.* O trabalho envolve muitos estudos estatísticos para que os resultados possam apontar as cotas de seguro a serem pagas. O atuário verifica valores e prazos para pagamento de prêmios e determina as quantias necessárias para assegurar a cobertura dos benefícios. As atividades técnicas das

---

<sup>13</sup> As ocorrências serão enumeradas a cada início de (sub)seção.



empresas de seguro, capitalização e investimentos são fiscalizadas pelo atuário. (19Ac:Br:Enc)

Em (01), o Estado de coisas descrito na oração causal [*as duplicatas têm seu valor expresso em moeda corrente*] justifica a ocorrência do evento descrito na oração-núcleo [*os encargos são pagos antecipadamente*]. Ambos os Estados de coisas são modificados por expressões de frequência de ocorrência: oração-núcleo [*geralmente*]; oração causal [*na grande maioria das vezes*].

Em (02), o Estado de coisas da oração causal [*representação de uma sequência é em forma de lista*] desencadeia a ocorrência do evento descrito na oração-núcleo [*a entrada para o analisador será representada como átomos do Prolog*].

Em (03), por sua vez, é o evento da oração causal [*(o atuário) define o preço do seguro*] que desencadeia o fato de [*a avaliação dos danos e riscos das propriedades também é função deste profissional*]. Como se vê, o Estado de coisas descrito na oração causal é qualificado pelo modificador de tempo relativo [*a partir desta avaliação*].

Estados de coisas são localizáveis no tempo relativo e no espaço. As ocorrências (04a) e (05a) foram modificadas por expressões de tempo relativo, e (06a) e (07a), por expressões de lugar, como se vê a seguir:

- (04) Setenta e cinco por cento dos juizes civis que compõem a primeira instância do Tribunal de Justiça Militar (TJM) de São Paulo já exerceram a função de oficial da Polícia Militar. Dos oito juizes-audidores, seis são capitães, tenentes e tenentes-coronéis da reserva. *A estrutura é garantida por lei, uma vez que eles são formados em direito e contratados por concurso.* A parcialidade dos julgamentos, porém, é questionada por alguns promotores do Ministério Público e membros de entidades ligadas aos direitos humanos. “Eles não tiram a farda para vestir a toga”, disse o representante de Direitos Humanos da OAB, Jairo da Fonseca. (19N:Br:SP)
- (04a) Setenta e cinco por cento dos juizes civis que compõem a primeira instância do Tribunal de Justiça Militar (TJM) de São Paulo já exerceram a função de oficial da Polícia Militar. Dos oito juizes-audidores, seis são capitães, tenentes e tenentes-coronéis da reserva. *A estrutura é garantida por lei, uma vez que eles são formados [há alguns anos] em direito e contratados por concurso.* A parcialidade dos julgamentos, porém, é questionada por alguns promotores do Ministério Público e membros de entidades ligadas aos direitos

humanos. “Eles não tiram a farda para vestir a toga”, disse o representante de Direitos Humanos da OAB, Jairo da Fonseca.

- (05) O médico Francisco Lima diz que a vítima seria ele mas, no momento do tiro de espingarda, sua esposa tentou impedir o disparo sendo atingida. *Ele denuncia que, mesmo com a confissão e prisão do pistoleiro, o mandante **continua** solto e fazendo ameaças, com a conivência do juiz local, Ivan Figueredo, **uma vez que os dois são muito amigos, afirma.*** Mesmo com a instauração de inquérito policial, segundo o médico nada foi feito para que o mandante do crime, Teotônio Noronha, fosse sequer detido, exatamente pelas influências que exerce na cidade. (19N:Br:Bahia)
- (05a) O médico Francisco Lima diz que a vítima seria ele mas, no momento do tiro de espingarda, sua esposa tentou impedir o disparo sendo atingida. *Ele denuncia que, mesmo com a confissão e prisão do pistoleiro, o mandante **continua** solto e fazendo ameaças, com a conivência do juiz local, Ivan Figueredo, **uma vez que os dois são muito amigos [desde a infância], afirma.*** Mesmo com a instauração de inquérito policial, segundo o médico nada foi feito para que o mandante do crime, Teotônio Noronha, fosse sequer detido, exatamente pelas influências que exerce na cidade.
- (06) *Com o segundo modelo procurou-se retratar a dinâmica de ajustamento em um mercado em que as quantidades ofertadas eram pré-determinadas e os preços se **ajustavam** a partir de condições previamente estabelecidas, **dado que** o governo **interferia** na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro.* Com as estimativas das equações desse modelo foram calculados os Multiplicadores de Impacto de Theil, possibilitando, assim, avaliar quais os efeitos sobre as variáveis endógenas de variações nas variáveis exógenas do modelo. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (06a) *Com o segundo modelo procurou-se retratar a dinâmica de ajustamento em um mercado em que as quantidades ofertadas eram pré-determinadas e os preços se **ajustavam** a partir de condições previamente estabelecidas, **dado que** [no Brasil], o governo **interferia** na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro.* Com as estimativas das equações desse modelo foram calculados os Multiplicadores de Impacto de Theil, possibilitando, assim, avaliar quais os efeitos sobre as variáveis endógenas de variações nas variáveis exógenas do modelo.
- (07) O recente aumento da Fiat ficou na casa dos 0,95%. Os concessionários estão trabalhando, há muito tempo, com descontos

que variam de 3%, para os veículos populares, até 15%, para os modelos de luxo. *Para o diretor comercial da Sanave (Volkswagen), Fernando Coelho, é difícil saber o real motivo desses aumentos, uma vez que o concessionário não tem acesso à planilha de custos da fábrica.* Ele afirma que o mercado não tem condições de absorver mais esse aumento e lembra que na linha Volkswagen os veículos estão tendo descontos de até 15%, como é o caso do Santana. (19N:Br:Bahia)

- (07a) O recente aumento da Fiat ficou na casa dos 0,95%. Os concessionários estão trabalhando, há muito tempo, com descontos que variam de 3%, para os veículos populares, até 15%, para os modelos de luxo. *Para o diretor comercial da Sanave (Volkswagen), Fernando Coelho, é difícil saber o real motivo desses aumentos, uma vez que [na empresa] o concessionário não tem acesso à planilha de custos da fábrica.* Ele afirma que o mercado não tem condições de absorver mais esse aumento e lembra que na linha Volkswagen os veículos estão tendo descontos de até 15%, como é o caso do Santana.

De acordo com os exemplos acima, em (04a), o Estado de coisas [*eles são formados em direito*] é localizado no tempo relativo por meio da expressão *há alguns anos*; em (05a), o evento da oração causal [*os dois são muito amigos*] é marcado pelo tempo relativo *desde a infância*. O fato ocorrido descrito em (06a) [*o governo interferia na comercialização dos produtos tanto do setor de combustíveis como do setor sucroalcooleiro*] é localizado em relação ao lugar de ocorrência pelo modificador *no Brasil*; em (07a), *na empresa* localiza, no espaço, o Estado de coisas causal [*o concessionário não tem acesso à planilha de custos da fábrica*].

As orações causais são factuais, uma vez que descrevem fatos ou eventos ocorridos no mundo real, avaliados em termos de realidade, conforme demonstram as ocorrências acima. Desse modo, é possível modificar os Estados de coisas pela expressão de realidade *realmente e de fato*, conforme se vê em (08a) e em (09a), respectivamente:

- (08) Para o pensamento atomista, o princípio (arché) da realidade (phýsis) reside nos átomos, elementos invisíveis, de número ilimitado, cada um possuidor de uma forma própria, sendo o número de formas presentes nos átomos igualmente ilimitado. *A natureza destes elementos é unitária e plena, uma vez que eles são indivisíveis (em grego, o termo á-tomos significa sem divisão).* Além dos átomos, deve também existir o vazio, lugar onde aqueles residem e realizam seu modo de ser, que é movimento incessante. Sem a existência do vazio, o movimento não

pode ser explicado e nem pode haver pluralidade entre os entes sem haver um meio que os separe. (19Ac:Br:Enc)

- (08a) Para o pensamento atomista, o princípio (arché) da realidade (phýsis) reside nos átomos, elementos invisíveis, de número ilimitado, cada um possuidor de uma forma própria, sendo o número de formas presentes nos átomos igualmente ilimitado. *A natureza destes elementos [de fato] é unitária e plena, **uma vez que** eles [de fato] **são** indivisíveis (em grego, o termo á-tomos significa sem divisão).* Além dos átomos, deve também existir o vazio, lugar onde aqueles residem e realizam seu modo de ser, que é movimento incessante. Sem a existência do vazio, o movimento não pode ser explicado e nem pode haver pluralidade entre os entes sem haver um meio que os separe.
- (09) A velocidade de escape é muitíssimo grande, pois toda a massa da estrela seria concentrada no centro do buraco negro, resultando em um ponto de dimensões mínimas e densidade infinita chamado ponto de singularidade. *A dificuldade em localizar buracos negros é que eles **são** invisíveis, **uma vez que** não **emitem** radiação de qualquer espécie.* No entanto, podemos descobri-los através de suas interações com seus vizinhos. (19Ac:Br:Enc)
- (09a) A velocidade de escape é muitíssimo grande, pois toda a massa da estrela seria concentrada no centro do buraco negro, resultando em um ponto de dimensões mínimas e densidade infinita chamado ponto de singularidade. *A dificuldade em localizar buracos negros é que eles [de fato] **são** invisíveis, **uma vez que** [de fato] não **emitem** radiação de qualquer espécie.* No entanto, podemos descobri-los através de suas interações com seus vizinhos.

As orações causais sob análise são não-pressupostas, no sentido de que o falante não pressupõe que o conteúdo expresso na oração causal seja factual (real), conforme demonstram as ocorrências (10), (11), (12), (13):

- (10) O que ocorreu foi que a Cooperativa celebrou contrato de trabalho com as tomadoras para depois dimensionar o contingente necessário de obreiros ao custo acertado. De tal sorte, passou-se à subscrição de 20 cotas-partes por esses trabalhadores, ao valor ínfimo de R\$ 5,00 por mês, totalizando R\$ 100,00. Desta forma nenhuma ingerência houve dos pretensos associados na fixação da remuneração ou das condições de trabalho estabelecidas com as tomadoras. *Tampouco **houve** participação efetiva na formação do capital social, **dado que** o valor das cotas-parte, além de ser irrisório é **descontado** quando*

efetivado o primeiro crédito dos retornos auferidos.  
(19Ac:Br:Lac:Misc)

- (11) Como o preço ao varejo é dado pela equação (23), resta determinar qual será a quantidade ofertada no período  $t$ . *O autor **sugere igualar a oferta corrente com a demanda do período anterior, dado que a demanda pode sofrer alterações e a firma não pode prever com certeza qual será essa quantidade demandada.*** Assim: Equação  
Considerando as relações apresentadas, pode-se compreender como os ajustamentos se processam em um mercado descrito por esse modelo. Supondo que ocorra um aumento não antecipado da demanda do varejo, os estoques irão sofrer uma redução maior do que a esperada, mas os preços ao varejo e ao produtor permaneceram inalterados.  
(19Ac:Br:Lac:Thes)
- (12) A resposta da ferramenta para essa ação é Communicative Goal was inserted e aparece no rodapé da janela Amadeus Editor: Sentences\_Base, indicando o sucesso da operação. *Esse mesmo padrão também **poderia estar associado à função de comparação desde que possui elementos sintáticos deste padrão.***  
(19Ac:Br:Lac:Thes)
- (13) A física moderna, que aspira à síntese entre matéria e irradiação, opõe-se radicalmente a isso. A epistemologia não-cartesiana seria então uma “condenação da doutrina das naturezas simples e absolutas”, que contrapõe-se ao “ideal de complexidade da ciência contemporânea”. ***Uma vez que propriedades decorrem de relações, não há mais sentido o estudo do fenômeno simples, porque ele não existe.*** (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (10), a causa [*o valor das cotas-parte, além de ser irrisório, ser descontado (quando efetivado o primeiro crédito dos retornos auferidos)*] pode não ser a causa única que desencadeou a ocorrência da oração nuclear [*não haver participação efetiva na formação do capital social*].

Em (11), o fato de a [*demanda poder sofrer alterações*] representa uma das causas que desencadeia a realização de [*o autor sugerir igualar a oferta corrente com a demanda do período anterior*]. Como se vê nesse exemplo, outra causa é manifestada pela oração coordenada [*e a firma não poder prever com certeza qual será essa quantidade demandada*].

Em (12), o falante apresenta o conteúdo causal [*possuir elementos sintáticos desse padrão*] como o evento responsável pela ocorrência do conteúdo veiculado pela oração principal [*esse mesmo padrão também poderia estar associado à função de comparação*].

Em (13), o falante enuncia duas causas: a primeira oração causal, iniciada por *uma vez que*, veicula uma informação não-nova - [*propriedades decorrerem de relações*] que pode ter justificado o Estado de coisas da oração-núcleo [*não haver mais sentido o estudo do fenômeno simples*]. Em seguida, o falante comunica outra causa, iniciada pela conjunção *porque*, a qual veicula informação nova – [*ele (fenômeno simples) não existir*]. Nesse exemplo, as duas orações causais estão subordinadas a mesma oração nuclear [*não haver mais sentido o estudo do fenômeno simples*].

Assumir que o conteúdo da oração causal é não-pressuposto significa dizer que, de modo geral, pode haver mais de uma causa responsável pelo efeito causado, e que o falante opta por comunicar a causa que ele considera mais adequada/relevante/‘provável’ para satisfazer seus fins comunicativos.

As orações causais apresentam referência temporal independente (RTI) da oração-núcleo, visto que o significado expresso pela referência temporal na oração causal não é uma consequência necessária do significado expresso pela referência temporal da oração nuclear. Isso significa que o tempo verbal da oração adverbial é passível de mudança sem que a construção se torne agramatical no uso da língua portuguesa, conforme demonstram as ocorrências (14a), (15a), (16a) e (17a):

(14) O poliestireno é um polímero comum. A unidade repetitiva tem a mesma composição (C<sub>8</sub>H<sub>8</sub>) como o monômero de baixa massa molar, o estireno, de onde o poliestireno é sintetizado. O número de unidades repetitivas é indicado pelo índice *n*. No caso de graus comerciais do poliestireno, o valor médio de *n* pode ser 1000 ou mais. **Dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104, o valor de 1000 para *n* representa uma média de massa molar de 104000.** (19Ac:Br:Lac:Thes)

(14a) O poliestireno é um polímero comum. A unidade repetitiva tem a mesma composição (C<sub>8</sub>H<sub>8</sub>) como o monômero de baixa massa molar, o estireno, de onde o poliestireno é sintetizado. O número de unidades repetitivas é indicado pelo índice *n*. No caso de graus comerciais do poliestireno, o valor médio de *n* pode ser 1000 ou mais. **Dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno [era] 104, o valor de 1000 para *n* representa uma média de massa molar de 104000.** (19Ac:Br:Lac:Thes)

- (15) A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a polissemia. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social. Bréal (1992:103) Esse mesmo autor atenta para o fato de os diversos sentidos não se misturarem ou se contradizerem, uma vez que são inseridos cada qual em um contexto que precisa e antecipa a sua carga semântica. *Assim sendo, um significado só **terá sentido** em uma determinada situação, **dado que** os outros significados não **existirão** (e não se confundirão) na mente do interlocutor.* (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (15a) A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a polissemia. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social. Bréal (1992:103) Esse mesmo autor atenta para o fato de os diversos sentidos não se misturarem ou se contradizerem, uma vez que são inseridos cada qual em um contexto que precisa e antecipa a sua carga semântica. *Assim sendo, um significado só **terá sentido** em uma determinada situação, **dado que** os outros significados não [existem/existiam] (e não se confundirão) na mente do interlocutor.*
- (16) A identidade de uma variável não específica por si qualquer informação sobre a entidade, mas serve para estar junto a diferentes predicados sobre essa entidade que são verdadeiros. Esse processo é chamado *variablebinding*. Essa arquitetura usa a sincronia temporal dos pulsos das unidades de ativação para representar essas ligações. Se duas unidades estão disparando em modo síncrono, então elas estão representando predicados sobre a mesma entidade. Esta técnica é chamada *temporal synchronyvariablebinding*. *Por exemplo: **dado que temos** as informações: quadrado, triângulo, listrado e pontilhado. Para representar em termos simbólicos o fato de que o quadrado que temos é listrado e o triângulo é pontilhado **usamos** a notação:* Na arquitetura proposta, a representação da ligação de tais predicados é feita através dos pulsos (Figura 3.7). (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (16a) A identidade de uma variável não específica por si qualquer informação sobre a entidade, mas serve para estar junto a diferentes predicados sobre essa entidade que são verdadeiros. Esse processo é chamado *variablebinding*. Essa arquitetura usa a sincronia temporal dos pulsos das unidades de ativação para representar essas ligações. Se duas unidades estão disparando em modo síncrono, então elas estão representando predicados sobre a mesma entidade. Esta técnica é chamada *temporal synchronyvariablebinding*. *Por exemplo: **dado que** [tínhamos] as informações: quadrado, triângulo, listrado e pontilhado. Para representar em termos simbólicos o fato de que o*

*quadrado que temos é listrado e o triângulo é pontilhado usamos a notação:* Na arquitetura proposta, a representação da ligação de tais predicados é feita através dos pulsos (Figura 3.7).

- (17) Abaixo, mostramos o primeiro nível de uma taxonomia para os padrões de texto utilizados em uma introdução. *Embora só tenhamos analisado introduções e a ferramenta para suporte trate somente dessa seção (a implementação é discutida no Capítulo 6), essa taxonomia **pode ser acrescida** de padrões característicos de outras seções. Por exemplo, indicações visual-verbais e descrições de processos na forma de listas, **uma vez que podemos implementar** ferramentas para auxiliar a escrita de todo o artigo.* Fatores relacionados à extensibilidade da ferramenta proposta serão abordados no Capítulo 6. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (17a) Abaixo, mostramos o primeiro nível de uma taxonomia para os padrões de texto utilizados em uma introdução. *Embora só tenhamos analisado introduções e a ferramenta para suporte trate somente dessa seção (a implementação é discutida no Capítulo 6), essa taxonomia **pode ser acrescida** de padrões característicos de outras seções. Por exemplo, indicações visual-verbais e descrições de processos na forma de listas, **uma vez que** [podíamos/poderemos] **implementar** ferramentas para auxiliar a escrita de todo o artigo.* Fatores relacionados à extensibilidade da ferramenta proposta serão abordados no Capítulo 6.

Segundo se demonstrou acima, a referência temporal das orações causais é independente da oração-núcleo, uma vez que a oração adverbial não se realiza como uma consequência necessária do significado da oração-núcleo.

A análise das ocorrências comprova a leitura das orações causais no domínio de conteúdo, uma vez que a informação expressa nas orações causais representa a causa de um evento no mundo real. Essa classificação proposta por Sweetser (1990) corresponde à classificação de Hengeveld (1998) e de Hengeveld e Mackenzie (2008), para os quais, uma oração causal, no sentido estrito, estabelece-se entre dois Estados de coisas.



## 4.2 CONDICIONALIDADE

Nas relações condicionais, analisaram-se 310 ocorrências, distribuídas segundo a tabela abaixo:

Tabela 5: Ocorrências condicionais

<b>Ocorrências condicionais</b>			
<i>Dado que</i>	<i>Desde que</i>	<i>Uma vez que</i>	TOTAL
05 1,6%	299 96,5%	06 1,9%	<b>310</b>

Uma oração condicional qualifica a oração-núcleo em termos de verdade, acrescentando informação suplementar para que sua proposição se torne verdadeira. Neste trabalho, assume-se que as orações condicionais são modificadores proposicionais.

Considerando que as orações condicionais descrevem Conteúdos Proposicionais (fatos possíveis), entende-se que a atitude do falante é característica intrínseca a elas. Desse modo, a leitura/interpretação das orações condicionais se faz no domínio epistêmico.

As orações condicionais designam entidades de terceira ordem, pois descrevem Conteúdos Proposicionais, que podem ser avaliados em termos de verdade. O conteúdo veiculado pela oração condicional é não-factual, uma vez que ela veicula uma hipótese e não fatos nem eventos realizados, como se vê em (01), (02) e em (03):

- (01) Largando de Monte Santo, as forças demandariam o arraial do Cumbe no rumo seguro de ESE, e, atingindo este, inflitando, rota em cheio para o norte, fraldejando as abas da serra de Aracati, em marcha contornante, a pouco e pouco rumando a NNO, iriam interferir no sítio do Rosário a antiga estrada de Maçacará. *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que houvesse** um insucesso, um recuo ou uma retirada.* Crítica Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. A exploração realizada fora até um transigir dispensável com as velharias da estratégia: bastava o olhar perspicuo do guia, capitão Jesuíno, para aclarar a rota. Sabia-se, no entanto, que esta atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando [...].  
(19:Fic:Br:Cunha:Sertoos)

- (02) Acho que ser mãe é um ato de amor, eu já era antes, mas penso que agora é bem diferente, agora é de outra forma, uma responsabilidade e tanto, agora mais do que nunca eu me preocupo muito com ela, tenho medo de eu ter ela e depois não ver ela crescer ou ela me ver sofrer, ou me ver numa cama e nenhuma mãe quer isso para um filho, nenhuma, meu medo maior é esse. *Mas desde que eu me cuide e isso não aconteça, tudo bem.* Você está fazendo tratamento para a AIDS? O que mudou em relação a sua vida? Venho usando AZT, 3TC e Bactrim. A mudança é grande, agora dou mais valor à vida, antes não ligava para um monte de coisas, agora dou valor a tudo, valorizo cada segundo que passa. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (03) Uma vez construído seu santuário, retirou-se do Olimpo e ali se refugiou para chorar a saudade que sentia de sua amada filha. Amaldiçoou a terra, lançando sobre ela uma implacável seca e impedindo que ali nascesse qualquer tipo de vegetação. Inutilmente, tentando convencê-la a mudar de atitude, Zeus se viu forçado a interceder junto a Hades para que devolvesse Coré à sua mãe. O soberano dos infernos consentiu mas, antes de deixar partir sua amada, fez com que ela comesse um bago de romã. *Prendeu-a com isso, para sempre, aos Infernos, uma vez que quem ali se alimentasse ficaria eternamente condenado a retornar.* Quando mãe e filha se reencontraram, a terra novamente se cobriu de verde e a abundância voltou a reinar. (19Ac:Br:Enc)

Em (01), a informação [*dado que houvesse um insucesso, um recuo ou uma retirada*] expressa um conteúdo possível que, talvez, poderia ter se realizado. Então, para estear a resistência desses viajantes, eles se precaveram de guarnições, pois sabiam que enfrentariam situações difíceis, que a rota *atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando [...]*.

Em (02), a entrevistada apresenta sua conclusão [*tudo bem*] assentada na crença de que a realização da condição expressa na oração adverbial [*(desde que) eu me cuide e isso não acontecer*] poderá implicar a realização da proposição expressa na oração-núcleo [*(ficar) tudo bem*].

Em (03), a oração nuclear [*ficaria eternamente condenado a retornar*] expressa algo que poderia ter-se realizado dado o preenchimento da condição [*(uma vez que) quem ali se alimentasse*].

Como demonstram as ocorrências acima, a (não)-realização da oração-núcleo depende da (não)-realização da oração condicional, ou seja, as duas orações são mutuamente implicativas.

Conteúdos Proposicionais podem ser qualificados por expressões modalizadoras que refletem a atitude do falante como, por exemplo, *acho que, é provável*, entre outras, conforme ilustra (04a):

(04) Acho que ser mãe é um ato de amor, eu já era antes, mas penso que agora é bem diferente, agora é de outra forma, uma responsabilidade e tanto, agora mais do que nunca eu me preocupo muito com ela, tenho medo de eu ter ela e depois não ver ela crescer ou ela me ver sofrer, ou me ver numa cama e nenhuma mãe quer isso para um filho, nenhuma, meu medo maior é esse. *Mas desde que eu me cuide e isso não aconteça, tudo bem.* Você está fazendo tratamento para a AIDS? o que mudou em relação a sua vida? Venho usando AZT, 3TC e Bactrim. A mudança é grande, agora dou mais valor à vida, antes não ligava para um monte de coisas, agora dou valor a tudo, valorizo cada segundo que passa. (19Ac:Br:Lac:Thes)

(04a) Acho que ser mãe é um ato de amor, eu já era antes, mas penso que agora é bem diferente, agora é de outra forma, uma responsabilidade e tanto, agora mais do que nunca eu me preocupo muito com ela, tenho medo de eu ter ela e depois não ver ela crescer ou ela me ver sofrer, ou me ver numa cama e nenhuma mãe quer isso para um filho, nenhuma, meu medo maior é esse. *Mas desde que eu me cuide e isso não aconteça, [acredito/acho que] tudo bem.* Você está fazendo tratamento para a AIDS? o que mudou em relação a sua vida? Venho usando AZT, 3TC e Bactrim. A mudança é grande, agora dou mais valor à vida, antes não ligava para um monte de coisas, agora dou valor a tudo, valorizo cada segundo que passa.

As orações condicionais são não-pressupostas, no sentido de que o falante não pressupõe que o conteúdo expresso na oração condicional é não-factual (não-verdadeiro). Conteúdos Proposicionais são não-verdadeiros uma vez que o conteúdo da oração condicional se situa no campo do hipotético, conforme se verifica nas ocorrências (05), (06) e (07):

(05) Conhecia filhos de alcoólicos, abstinentes; e abstinentes pais, com filhos alcoólicos. Demais, um vício que vem, em geral, pelo hábito individual, como pode de tal forma impressionar o aparelho da geração, a não ser para inutilizá-lo, até o ponto de determinar modificações transmissíveis pelas células próprias à fecundação? Por que mecanismo iam essas modificações transformar-se em caracteres

adquiridos e capazes de se constituírem em herança? Não sabia responder isto e até hoje não sei responder, e ainda mais se me perguntava, nesse caso de alcoólico: *no ato da geração, **dado que fosse a verdade essa sinistra teoria da herança de defeitos e vícios, o pai já seria** deveras um alcoólico que tivesse as suas células fecundantes suficientemente modificadas, igualmente, para transmitir a sua desgraça ao filho virtual?* (19:Fic:Br:Barreto:Cemitério)

- (06) As leis que regem o transformismo (ou Lamarckismo) foram estabelecidas por Lamarck em 1800: a primeira lei afirma que os órgãos dos seres cujo uso é evidenciado tendem a desenvolver-se, à proporção do uso; o contrário ocorre com os órgãos aos quais se aplica a falta de uso, tendendo portanto a desaparecerem. *A segunda lei de Lamarck afirma que as adaptações sofridas pelos seres de uma espécie por influência do meio ambiente **são transmitidas e conservadas de geração para geração, desde que as adaptações ocorram em seres de ambos os sexos na espécie.*** Tendo enfrentado em vida, por suas teorias de evolução, o escárnio geral da comunidade científica, Lamarck e suas ideias caíram no esquecimento até o século XIX, quando foram redescobertas. (19Ac:Br:Enc)
- (07) Para construções complexas, como os casos de troca de núcleo, diferentemente da abordagem por transferência simples, o paradigma SeBMT é capaz de construir regras de mapeamento não composicionais selecionando as palavras na LA a partir de um léxico bilíngue e tentando diferentes ordenações para essas palavras (*shake*) que satisfaçam todas as restrições sintáticas, até que a sentença seja produzida (*bake*). Essas regras formam a base para a transferência entre as entradas lexicais na LF e LA. *A ideia central desse paradigma é que, **uma vez que os elementos bilíngues identifiquem corretamente os índices das entradas lexicais, um algoritmo SeBMT pode combiná-los.*** O principal benefício dessa abordagem é que os léxicos bilíngues precisam somente especificar o conhecimento contrastivo entre duas línguas; as gramáticas monolíngues usadas para o *parser* e geração se responsabilizam pelo restante (Dorr et al., 2000)". (19Ac:Br:Lac:Misc)

Nas ocorrências acima, o falante não pressupõe que as condições estabelecidas em (05), [*ser a verdade essa sinistra teoria da herança de defeitos e vícios*], em (06), [*adaptações ocorrerem em seres de ambos os sexos na espécie*] e em (07), [*os elementos bilíngues identificarem corretamente os índices das entradas lexicais*], sejam não-factuais (não-verdadeiras), visto que Conteúdos Proposicionais descrevem fatos possíveis, que não são realizados, mas deixados em aberto, cujo preenchimento poderá ou não ocorrer. É nesse

sentido que o falante pressupõe que conteúdo da oração condicional é não-pressuposto a ser verdadeiro.

As orações condicionais apresentam referência temporal dependente (RTD) da oração-núcleo, isto é, o evento da oração adverbial é temporalmente pressuposto a partir do tempo-modo expresso na oração nuclear, como demonstram (08a) e (09a):

- (08) Largando de Monte Santo, as forças demandariam o arraial do Cumbe no rumo seguro de ESE, e, atingindo este, infletindo, rota em cheio para o norte, fraldejando as abas da serra de Aracati, em marcha contornante, a pouco e pouco rumando a NNO, iriam interferir no sítio do Rosário a antiga estrada de Maçacará. *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que houvesse** um insucesso, um recuo ou uma retirada.* Crítica Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. A exploração realizada fora até um transigir dispensável com as velharias da estratégia: bastava o olhar perspicuo do guia, capitão Jesuíno, para aclarar a rota. Sabia-se, no entanto, que esta atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando [...]. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoes)
- (08a) \*Largando de Monte Santo, as forças demandariam o arraial do Cumbe no rumo seguro de ESE, e, atingindo este, infletindo, rota em cheio para o norte, fraldejando as abas da serra de Aracati, em marcha contornante, a pouco e pouco rumando a NNO, iriam interferir no sítio do Rosário a antiga estrada de Maçacará. *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que** [haja/houver] um insucesso, um recuo ou uma retirada.*
- (09) Art. 459. *Se for aleatório, por serem objeto dele coisas futuras, tomando o adquirente a si o risco de virem a existir em qualquer quantidade, **terá** também direito o alienante a todo o preço, **desde que** de sua parte não **tiver concorrido** culpa, ainda que a coisa venha a existir em quantidade inferior à esperada.* Parágrafo único. Mas, se da coisa nada vier a existir, alienação não haverá, e o alienante restituirá o preço recebido. (19Ac:Br:Lac:Misc)

(09a) Art. 459. *Se for aleatório, por serem objeto dele coisas futuras, tomando o adquirente a si o risco de virem a existir em qualquer quantidade, terá também direito o alienante a todo o preço, desde que de sua parte não [tenha] concorrido culpa, ainda que a coisa venha a existir em quantidade inferior à esperada.* Parágrafo único. Mas, se da coisa nada vier a existir, alienação não haverá, e o alienante restituirá o preço recebido.

Como (08a) se trata de evento narrado, o verbo da oração principal no particípio passado [*garantidos*] pressupõe o verbo auxiliar também no passado [*estávamos garantidos*], isto é, dependente do tempo expresso na oração-núcleo. Desse modo, a mudança do tempo da condicional para o presente [*haja*], sobretudo para o futuro do subjuntivo [*houver*], torna a sentença agramatical no português brasileiro, já que não é possível propor uma condição no futuro para um evento com referência temporal passada.

Em (09a), embora seja possível modificar o tempo verbal da oração condicional [*tiver concorrido*] para o pretérito perfeito [*tenha concorrido*], sua referência temporal permanece em acordo com a referência temporal da oração-núcleo. Isto é, a ordem das proposições descritas (anterioridade – oração condicional/posterioridade – oração-núcleo) se mantém preservada.

A análise das ocorrências ressalta que a leitura das orações condicionais se faz no domínio epistêmico devido a motivações pragmáticas envolvidas na configuração desses enunciados. Uma vez que o conteúdo veiculado por meio das proposições passa, inevitavelmente, pelo julgamento do falante, ele opta por apresentar os Conteúdos Proposicionais como suas crenças e conclusões.

Examinada a estrutura semântica interna das relações de causalidade e de condicionalidade expressas por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que*, os dados demonstram que, em relação ao tipo de entidade, as orações causais representam entidades de segunda ordem, são modificadores predicacionais, com leitura/interpretação no domínio de conteúdo. As orações condicionais representam entidades de terceira ordem, são modificadores proposicionais, com leitura no domínio epistêmico.

Quanto à factualidade, as orações causais são factuais, uma vez que descrevem Estados de coisas reais, e as condicionais são não-factuais, visto que descrevem Conteúdos Proposicionais não-verdadeiros.

No que diz respeito ao parâmetro dependência temporal, todas as orações causais apresentam referência temporal independente, e as orações condicionais, referência temporal dependente da oração nuclear.

A única semelhança entre essas orações se refere à pressuposição: ambas veiculam informação não-pressuposta. Considerada a (não)-realidade/(não)-verdade do conteúdo veiculado na oração causal/condicional, compreende-se que esse parâmetro pode favorecer a sobreposição de leituras/interpretações, visto que, ao partir do pressuposto de que o conteúdo descrito na oração causal/condicional é não-pressuposto a ser não-real e verdadeiro, respectivamente, seu significado, inclusive o da oração causal, é apresentado para o ouvinte como algo hipotético, no sentido de que a informação enunciada pelo falante pode não ser a causa única responsável pelo efeito expresso na oração principal.

Nota-se, portanto, que os resultados obtidos corroboram a classificação estabelecida por Hengeveld (1998).

A seguir, discutem-se, individualmente, as orações adverbiais introduzidas pelas locuções conjuntivas causais e condicionais *dado que*, *desde que* e *uma vez que*, no que diz respeito a estes dois critérios: (i) posição da oração causal/condicional em relação à oração-núcleo, e (ii) correlações modo-temporais da oração-núcleo e da oração adverbial.

#### 4.3 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS INTRODUZIDAS POR *DADO QUE*

No cópuz, verificou-se que a locução conjuntiva *dado que* se revelou pouco produtiva no uso da língua. No total, coletaram-se 28 ocorrências com interpretação causal, e 05 com valor condicional, como se vê nesta tabela:

Tabela 6: *Dado que*: número de ocorrências causais e condicionais

<i>Dado que</i>	
Tipo de relação	Ocorrências
Causal	28 85,0%
Condicional	05 15,0%
TOTAL	<b>33</b>

No que diz respeito à ordem, a análise dos dados evidenciou a predominância da posposição, consoante a tabela a seguir:

Tabela 7: A ordem das orações causais e das condicionais

<b>Ordem da oração adverbial</b>	<b>Oração causal</b>	<b>Oração condicional</b>	<b>TOTAL</b>
Anteposta	03 11,0% <sup>14</sup>	03 <b>60,0%</b> <sup>15</sup>	06 18,1% <sup>16</sup>
Posposta	25 <b>89,0%</b>	02 40,0%	27 81,9%
TOTAL	28	05	33

As orações causais iniciadas com *dado que* são predominantemente pospostas, em 89,0% das ocorrências, como se vê em (01):

- (01) Ainda como ilustração do fenômeno, consideremos as frases: (d) Paulo usou o macaco do seu carro ontem. (e) O macaco engordou 2 Kg. Se fizermos a relativização das sentenças teremos a seguinte frase: (f) Paulo usou o macaco do seu carro ontem que engordou 2 Kg. *Neste caso, estamos diante de uma frase mal formada semanticamente no português, e o encaixamento das sentenças não **possibilita resolver** o caso da ambiguidade existente entre o uso concreto e o uso abstrato da palavra macaco, **dado que temos** uma única forma com dois significados diferentes (instrumento mecânico e animal).* (19Ac:Br:Lac:Thes)

A análise das ocorrências demonstrou que os empregos da locução conjuntiva *dado que* com valor causal também confirmam a posposição como a ordem não-marcada das orações causais (NEVES, 1999a, 2000; SPÓSITO, 2011). Verificou-se que, em 25 ocorrências, o falante enuncia primeiro o efeito/consequência, depois a causa. De acordo com Neves (1999a, 2000), embora a ordem icônica das relações causais seja causa-efeito/consequência, pode-se dizer que a ordem inversa (efeito-causa) reflete a iconicidade no sentido de que, a partir do efeito, deduz-se a causa.

<sup>14</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais (28).

<sup>15</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências condicionais (05).

<sup>16</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais e condicionais (33).



Em apenas 03 ocorrências, a oração causal segue a ordem causa-efeito/consequência. Estas foram as únicas orações adverbiais introduzidas por *dado que* em posição inicial, conforme ilustram (02), (03) e (04):

- (02) O poliestireno é um polímero comum. A unidade repetitiva tem a mesma composição (C<sub>8</sub>H<sub>8</sub>) como o monômero de baixa massa molar, o estireno, de onde o poliestireno é sintetizado. O número de unidades repetitivas é indicado pelo índice n. No caso de graus comerciais do poliestireno, o valor médio de n pode ser 1000 ou mais. ***Dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno é 104, o valor de 1000 para n representa uma média de massa molar de 104000.*** (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (03) A primeira decepção se refere ao desempenho global. Após o desconto de uma taxa de juros livre de risco (poupança), o que resta são apenas sete fundos que beneficiaram seus clientes com rendimento positivo estatisticamente significativo (significante). Ou seja, muitos deles tiveram até uma variação positiva em suas quotas ao longo de 1996. Mas os resultados foram tão variáveis que, do ponto de vista estatístico, o investidor seria uma pessoa de sorte se saísse da aplicação com mais dinheiro no bolso. Se desse azar, perderia dinheiro. ***“Dado que estes cálculos já levam em conta o pagamento de taxas de administração e os custos de transação em bolsa, somente os quotistas dos sete primeiros fundos fizeram bem, em retrospecto, ao entregar a administração de seus investimentos a esses profissionais”***, diz Sanvicente. (19N:Br:SP)
- (04) A autora também descarta a visão determinista, segundo a qual os acidentes poderiam ser previstos com certeza absoluta. Para ela, a questão é: “se a situação de trabalho ‘contém’ o acidente será possível compreendê-lo e evitá-lo antes de sua ocorrência [...]?” (p. 113). Neste estudo, discute-se questão diferente da proposta pela autora e que pode ser formulada nos seguintes termos: ***dado que a situação de trabalho contém o acidente, está mantida a validade e a utilidade da investigação desses eventos?*** O tipo de acidente (1, 2 ou 3 de Monteau) mais frequente numa dada realidade interfere na resposta a essa questão? (19Ac:Br:Lac:Thes)

Outro fato verificado é que, em relação à organização discursiva, as orações causais iniciadas com *dado que*, embora a maioria esteja em posição final, apresentam comportamento semelhante ao das orações iniciadas pela conjunção *como*. Isso significa que tanto as orações introduzidas por *dado que* como pela conjunção *como* veiculam informação pressuposta, partilhada entre falante e ouvinte, sobre a qual se sustenta o conteúdo da oração-

núcleo que, por sua vez, veicula a informação nova. Essas orações se caracterizam pelo fato de a relevância informativa estar assentada na proposição de ‘causalidade verificada’ (NEVES, 1999a). No entanto, apesar de essas duas conjunções apresentarem o mesmo comportamento quanto ao fluxo informacional, elas se diferem em relação à ordem em que configuram suas orações: as orações iniciadas com a conjunção *como* são sempre antepostas (NEVES, 1999a, 2000), e as iniciadas com *dado que* revelaram a posposição como ordem dominante.

Nas ocorrências de *dado que* com leitura condicional, verificou-se que nas 05 ocorrências analisadas, a ordem dominante da oração condicional em relação à oração-núcleo é a anteposta. A anteposição é ilustrada pela ocorrência (05):

- (05) Delfino se lembrava de ir saltando sobre dormentes no leito da via férrea quando me-nino e de imaginar que se pudesse de repente saltar uma porção de dormentes e postar-se lá adiante, voltado para onde viera, havia de ver-se andando de dormente em dor-mente. Depois tinha tido vontade, nos momentos difíceis da vida, de fazer isto com o tempo. ***Dado que os dor-mentes fossem dias e que os dias imediatos fossem os dormentes em sucessão no leito da via férrea, por que não saltar por cima dos dias desagradáveis e olhar-se a si mesmo lá da frente, olhar-se como se fosse outra pessoa, ou mesmo, corajosamente, como se fosse ele mesmo, mas em dias já idos e vividos ou em dormentes já pisados e passados?*** E que diabo era aquilo de idos e vividos que ele estava metendo no que pensava?. (19:Fic:Br:Callado:Madona)

Em (05), a locução conjuntiva *dado que* pode ser substituída por outras conjunções condicionais (*caso/se*), que realizadas com o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (*fossem*) veiculam um conteúdo inexistente, irreal, expresso na oração condicional.

- (05a) [*Caso/Se*] os dor-mentes ***fossem dias e que os dias imediatos fossem os dormentes em sucessão no leito da via férrea, por que não saltar por cima dos dias desagradáveis e olhar-se a si mesmo lá da frente, olhar-se como se fosse outra pessoa, ou mesmo, corajosamente, como se fosse ele mesmo, mas em dias já idos e vividos ou em dormentes já pisados e passados?***

A respeito das correlações modo-temporais presentes nas orações causais marcadas por *dado que*, constataram-se 08 tipos demonstrados na tabela abaixo:

Tabela 8: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal

Oração-núcleo	Oração causal	TOTAL
Presente Indicativo	Presente Indicativo	14 50,0%
	Pretérito Perfeito Indicativo	02 7,0%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	01 3,5%
	Futuro Pretérito Indicativo	01 3,5
Pretérito Perfeito Indicativo	Presente Indicativo	06 22,0%
	Pretérito Perfeito Indicativo	01 3,5%
Pretérito Imperfeito Indicativo	Pretérito Imperfeito Indicativo	01 3,5%
Futuro Presente Indicativo	Futuro Presente Indicativo	02 7,0%
		<b>28</b>

A respeito das relações entre os tempos e os modos verbais, a análise evidenciou que o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente (64,0%), seguido do pretérito perfeito do indicativo (25,5%). Na oração causal, também é o presente (72,0%), seguido do pretérito perfeito do indicativo (10,5%). Como se vê, as duas orações se realizam, preferencialmente, com os mesmos tempos e modos verbais, sobretudo com o presente do indicativo. Isso se justifica pela factualidade descrita nas relações causais e corrobora a classificação feita de acordo com os parâmetros semânticos.

Verificou-se que os eventos são descritos segundo a subsequência temporal do efeito em relação à causa. Em acordo com Neves (2001), a análise demonstrou que, nos empregos de *dado que* com sentido causal, a telicidade do verbo, que constitui a base dessa locução, mantém-se preservada.

Em relação às correlações modo-temporais encontradas nas orações condicionais marcadas por *dado que*, constataram-se 05 tipos demonstrados na tabela a seguir:

Tabela 9: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional

Oração-núcleo	Oração condicional	TOTAL
Presente Indicativo	Presente Subjuntivo	01 20,0%
	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	01 20,0%
Futuro Pretérito Indicativo	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	01 20,0%
F. Nominal (particípio)	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	01 20,0%
F. Nominal (infinitivo)		01 20,0%
		<b>05</b>

De acordo com a tabela acima, o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente do indicativo (40,0%), e na oração condicional, o pretérito imperfeito do subjuntivo (80,0%), que se utiliza para veicular conteúdos inexistentes ou pouco prováveis.

No corpus, verificou-se que a oração-núcleo que se realiza na forma nominal de particípio passado apresenta o verbo auxiliar não explícito no modo indicativo, como se vê em (06):

- (06) Largando de Monte Santo, as forças demandariam o arraial do Cumbe no rumo seguro de ESE, e, atingindo este, inflitando, rota em cheio para o norte, fraldejando as abas da serra de Aracati, em marcha contornante, a pouco e pouco rumando a NNO, iriam interferir no sítio do Rosário a antiga estrada de Maçacará. *Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, [estávamos] **garantidos** de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, **dado que houvesse** um insucesso, um recuo ou uma retirada.* Crítica Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. A exploração realizada fora até um transigir dispensável com as velharias da estratégia: bastava o olhar perspicuo do guia, capitão Jesuíno, para aclarar a rota. Sabia-se, no entanto, que esta atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando [...]. (19:Fic:Br:Cunha:Sertoos)

Expostas as características das orações adverbiais iniciadas com a locução conjuntiva *dado que*, a seguir, discutem-se as regularidades das orações introduzidas pela locução *desde que*.

#### 4.4 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS INTRODUZIDAS POR *DESDE QUE*

A locução conjuntiva *desde que* se revelou a mais produtiva em empregos com valor condicional, visto que das 301 ocorrências encontradas no *cópus*, 299 são condicionais. Desse modo, os dados coletados com *desde que* demonstram uma forte tendência de essa locução conjuntiva especializar-se em usos com sentido condicional já que apenas 02 apresentam interpretação causal, segundo a tabela a seguir:

Tabela 10: *Desde que*: número de ocorrências causais e condicionais

<i>Desde que</i>	
<b>Tipo de relação</b>	<b>Ocorrências</b>
Causal	02 0,7%
Condicional	299 99,3%
<b>TOTAL</b>	<b>301</b>

Esse resultado corrobora o de Neves (1999a), que constatou uma única ocorrência com *desde que* causal dentre as 195 marcadas por conjunções que veiculam causalidade analisadas em seu trabalho.

Em relação à ordem, verificaram-se as seguintes possibilidades de ordenação, como demonstra esta tabela:

Tabela 11: A ordem das orações causais e condicionais

Ordem da oração adverbial	Oração causal	Oração condicional	TOTAL
Anteposta	01 50% <sup>17</sup>	12 4,0% <sup>18</sup>	13 4,3% <sup>19</sup>
Medial	Ø	05 1,7%	05 1,7%
Posposta	01 50%	282 94,3%	283 94,0%
TOTAL	02	299	301

Verificou-se que as orações causais iniciadas com *desde que* não apresentam ordem dominante. A tabela indica que, das duas ocorrências examinadas, uma configura a anteposição, e a outra, a posposição, como se vê a seguir:

- (01) APÊNDICE 2 - COMPILAÇÃO DA DCG EM PROLOG Neste apêndice é apresentada a forma como o Prolog compila uma especificação gramatical em DCG. Para estudo mais aprofundado, refira-se a (Clocksin and Mellish, 1981). A estrutura principal que o problema de análise envolve é a sequência de palavras que deve ser analisada. Para isso, isolam-se subsequências dessa estrutura como sendo os vários termos aceitos pela gramática, e ao final da análise, mostra-se que a sentença inteira é aceita como um termo do tipo “sentença”. *Desde que o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista, a entrada para o analisador será representada como uma lista do Prolog.* Deste modo, cada palavra será representada como átomos do Prolog. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (02) A resposta da ferramenta para essa ação é Communicative Goal was inserted e aparece no rodapé da janela Amadeus Editor: Sentences\_Base, indicando o sucesso da operação. *Esse mesmo padrão também poderia estar associado à função de comparação desde que possui elementos sintáticos deste padrão.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (01), o falante enuncia primeiro a causa, depois o efeito/consequência. Em (02), a oração causal segue a ordem contrária de efeito/consequência-causa. Apesar disso, em ambos os casos, a informação contida na oração adverbial é não-nova. A respeito de Estados de

<sup>17</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais (02).

<sup>18</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências condicionais (299).

<sup>19</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais e condicionais (301).

coisas, pode-se dizer que “(não) ocorreu”, “(não) aconteceu”, “(não) é o caso”. Nessas duas ocorrências, afirma-se que “é o caso”, e a locução *desde que* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por outras locuções conjuntivas como, por exemplo, *já que*, *visto que*, entre outras, conforme demonstrado abaixo:

- (01a) APÊNDICE 2 - COMPILAÇÃO DA DCG EM PROLOG Neste apêndice é apresentada a forma como o Prolog compila uma especificação gramatical em DCG. Para estudo mais aprofundado, refira-se a (Clocksin and Mellish, 1981). A estrutura principal que o problema de análise envolve é a sequência de palavras que deve ser analisada. Para isso, isolam-se subsequências dessa estrutura como sendo os vários termos aceitos pela gramática, e ao final da análise, mostra-se que a sentença inteira é aceita como um termo do tipo “sentença”. *Desde que [já que] o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista, a entrada para o analisador será representada como uma lista do Prolog.* (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (02a) A resposta da ferramenta para essa ação é Communicative Goal was inserted e aparece no rodapé da janela Amadeus Editor: Sentences\_Base, indicando o sucesso da operação. *Esse mesmo padrão também poderia estar associado à função de comparação desde que [visto que] possui elementos sintáticos deste padrão.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

As ocorrências (01) e (02) vão ao encontro do posicionamento de Neves (1999a, 2000), que assume que as orações causais iniciadas por *desde que* podem tanto preceder como seguir a oração-núcleo.

Nas condicionais com *desde que*, a posposição representa a ordem dominante, como se vê em (03), (04) e em (05):

- (03) Outro bom prazer da vida - tomar um café - foi reabilitado cientificamente. Por anos, corria a suspeita de que café produzia câncer. Mito desmontado. Provaram que o chocolate exerce efeito positivo em pessoas debilitadas psicologicamente. **Descobriram até efeitos benéficos na manteiga desde que consumida com parcimônia.** Melhor comida para o coração? Salmão. Foi nos laboratórios americanos que a maconha ganhou credibilidade medicinal e acabou praticamente legalizada na Califórnia; a tendência é se espalhar para o país. (19N:Br:Cur)
- (04) Em Marketing de Serviços os debatedores terão acesso à campanha publicitária que estará sendo desenvolvida pela ABAV para fortalecer

suas as agências associadas. *As agências de viagem associadas que inscreverem, no mínimo, dois congressistas, terão demais inscrições isentas de pagamento. Desde que sem hospedagem e para titulares do cartão ABAV.* Serviço: Estudantes de turismo e profissionais filiados ou não à Associação que quiserem participar do congresso devem procurar a ABAV em Recife. (19N:Br:Recf)

- (05) No Torneio Feminino estarão em ação as seguintes categorias: scratch, 0/20 e 21/32. O campo estará aberto para treinos no dia 21. Segundo organizadores do Aberto, o número de participantes será limitado a 100, sendo que *os 10 primeiros colocados do ranking paranaense masculino, 5 primeiras colocadas do feminino, 3 primeiros do juvenil masculino e 3 primeiras do juvenil feminino terão suas vagas garantidas, desde que efetivem suas inscrições dentro do prazo limite: 15 de novembro.* O valor da taxa de inscrição está estipulado em R\$ 60,00 para cavalheiros e R\$ 40,00 para damas e juvenis. (19N:Br:Cur)

Em (03), (04) e em (05), o conteúdo veiculado na oração-núcleo é tido como certo, caso a condição enunciada seja eventualmente satisfeita. Nesse tipo de relação, as proposições são mutuamente implicativas, isto é, as duas proposições ou são ambas verdadeiras ou ambas falsas. Segundo Neves (1999b, 2000), as orações condicionais iniciadas com *desde que* expressam uma condição necessária e suficiente (=somente se) e são, geralmente, pospostas, conforme ilustram (03a), (04a) e (05a):

- (03a) Outro bom prazer da vida - tomar um café - foi reabilitado cientificamente. Por anos, corria a suspeita de que café produzia câncer. Mito desmontado. Provaram que o chocolate exerce efeito positivo em pessoas debilitadas psicologicamente. *Descobriram até efeitos benéficos na manteiga somente se consumida com parcimônia.* Melhor comida para o coração? Salmão. Foi nos laboratórios americanos que a maconha ganhou credibilidade medicinal e acabou praticamente legalizada na Califórnia; a tendência é se espalhar para o país.
- (04a) Em Marketing de Serviços os debatedores terão acesso à campanha publicitária que estará sendo desenvolvida pela ABAV para fortalecer suas as agências associadas. *As agências de viagem associadas que inscreverem, no mínimo, dois congressistas, terão demais inscrições isentas de pagamento. Somente se sem hospedagem e para titulares do cartão ABAV.* Serviço: Estudantes de turismo e profissionais filiados ou não à Associação que quiserem participar do congresso devem procurar a ABAV em Recife.



- (05a) No Torneio Feminino estarão em ação as seguintes categorias: scratch, 0/20 e 21/32. O campo estará aberto para treinos no dia 21. Segundo organizadores do Aberto, o número de participantes será limitado a 100, sendo que *os 10 primeiros colocados do ranking paranaense masculino, 5 primeiras colocadas do feminino, 3 primeiros do juvenil masculino e 3 primeiras do juvenil feminino terão suas vagas garantidas, somente se 'efetivarem' suas inscrições dentro do prazo limite: 15 de novembro.* O valor da taxa de inscrição está estipulado em R\$ 60,00 para cavalheiros e R\$ 40,00 para damas e juvenis.

Apesar de a posposição ter sido a ordem dominante, houve também orações condicionais antepostas e mediais, segundo demonstram, respectivamente, as ocorrências (06), (07), (08) e (09):

- (06) São aves atraentes por características como sua plumagem, geralmente verde, e sua capacidade bastante desenvolvida para imitar os sons produzidos pela voz humana. ***Desde que*** *pacientemente bem treinados, os papagaios podem imitar os sons de palavras e até mesmo de frases inteiras.* Entre as espécies brasileiras podemos citar o papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) e o *Amazona aestiva*, a espécie mais comum no Brasil. (19Ac:Br:Enc)
- (07) Para uma sistematicidade forte, tanto a informação aprendida sobre as palavras quanto à informação aprendida sobre as posições sintáticas devem ser verdadeiras no conjunto de teste. Em contraste, devido ao fato de as palavras e as posições sintáticas serem unidas de forma diferente nos conjuntos de treinamento e teste, qualquer informação aprendida sobre as VBs não será verdade no conjunto de teste. ***Desde que*** *a tarefa que requer informação sobre palavras e posições sintáticas seja aprendida corretamente, os parâmetros que representam essa informação não devem ser dependentes de VB.* (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (08) Art. 622. Se a execução da obra for confiada a terceiros, a *responsabilidade do autor do projeto respectivo, desde que não assuma a direção ou fiscalização daquela, ficará limitada aos danos resultantes de defeitos previstos no Art. 618 e seu Parágrafo único.* (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (09) Embora adote informações estatísticas como médias e desvios-padrão como base do balanceamento, o Dodger requer a introdução de parâmetros extra em seu processamento, como, por exemplo, limites máximo e mínimo permitidos para alteração do valor da intensidade de brilho de cada pixel, limites máximo e mínimo de contraste a ser aplicado e número de blocos, além de ajustes de sua configuração,

como a exclusão da borda da imagem, permissão para processar as bandas de forma independente e permissão para uso de informações estatísticas globais do conjunto de imagens. *Tecnicamente, o balanceamento executado pelo Dodger, desde que sob parâmetros corretos, homogeneiza as imagens quanto a problemas de vinhete e hot-spot e quanto à diferença de tonalidades.* Assim como mencionado em teoria, o processamento das imagens em blocos permite que o algoritmo seja adaptativo à condição radiométrica da imagem. (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (06) e em (07), as orações condicionais são antepostas e descrevem Conteúdos Proposicionais (fatos possíveis), que designam entidades de terceira ordem. Desse modo, elas podem ser restringidas pelas expressões modalizadoras *acredito que* e *por é provável que*, como se ilustra a seguir:

- (06a) São aves atraentes por características como sua plumagem, geralmente verde, e sua capacidade bastante desenvolvida para imitar os sons produzidos pela voz humana. ***Desde que*** *pacientemente bem treinados*, [*acredito que*] *os papagaios podem imitar os sons de palavras e até mesmo de frases inteiras.* Entre as espécies brasileiras podemos citar o papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) e o *Amazona aestiva*, a espécie mais comum no Brasil.
- (07a) Para uma sistematicidade forte, tanto a informação aprendida sobre as palavras quanto a informação aprendida sobre as posições sintáticas devem ser verdadeiras no conjunto de teste. Em contraste, devido ao fato de as palavras e as posições sintáticas serem unidas de forma diferente nos conjuntos de treinamento e teste, qualquer informação aprendida sobre as VBs não será verdade no conjunto de teste. ***Desde que*** *a tarefa que requer informação sobre palavras e posições sintáticas seja aprendida corretamente*, [*é provável que*] *os parâmetros que representam essa informação não devem ser dependentes de VB.*

No exemplo (08), o sujeito e o verbo da oração-núcleo se encontram separados pela oração condicional: [*a responsabilidade do autor do projeto respectivo /desde que não assuma a direção ou fiscalização daquela,/ ficará limitada aos danos resultantes de defeitos previstos no Art. 618 e seu Parágrafo único*]. Verifica-se o mesmo em (09): [*o balanceamento executado pelo Dodger, /desde que sob parâmetros corretos/, homogeneiza as imagens quanto a problemas de vinhete e hot-spot e quanto à diferença de tonalidades*]. Nesses casos, portanto, diz-se que a ordem da oração condicional é medial.

Nas orações em posição medial, o falante interrompe parte da oração principal e apresenta a condição como meio de ressaltar a restrição estabelecida pela oração adverbial da qual depende a realização da oração-núcleo. Para Neves (2000) e para Hirata (1999), esse recurso exerce a função de adendo/lembrete, que relativiza o conteúdo veiculado pela proposição nuclear.

Quanto às correlações modo-temporais, nas orações causais, constataram-se 02 tipos demonstrados na tabela a seguir:

Tabela 12: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal

Oração-núcleo	Oração causal	TOTAL
Futuro Presente Indicativo	Presente Indicativo	01
		50,0%
Futuro Pretérito Indicativo		01
		50,0%

Posto que houve apenas duas ocorrências com *desde que* causal, os dados comprovam que uma oração nuclear se configura com o futuro do presente, e a outra, com o futuro do pretérito do indicativo. Nas duas orações causais do corpus, prevalece o presente do indicativo, como ilustram (10) e (11):

- (10) APÊNDICE 2 - COMPILAÇÃO DA DCG EM PROLOG Neste apêndice é apresentada a forma como o Prolog compila uma especificação gramatical em DCG. Para estudo mais aprofundado, refira-se a (Clocksin and Mellish, 1981). A estrutura principal que o problema de análise envolve é a sequência de palavras que deve ser analisada. Para isso, isolam-se subsequências dessa estrutura como sendo os vários termos aceitos pela gramática, e ao final da análise, mostra-se que a sentença inteira é aceita como um termo do tipo “sentença”. *Desde que o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista, a entrada para o analisador será representada como uma lista do Prolog.* Deste modo, cada palavra será representada como átomos do Prolog. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (11) A resposta da ferramenta para essa ação é Communicative Goal was inserted e aparece no rodapé da janela Amadeus Editor: Sentences\_Base, indicando o sucesso da operação. *Esse mesmo padrão também poderia estar associado à função de comparação desde que possui elementos sintáticos deste padrão.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

Em (10) e em (11), as orações causais [*o modo padrão de se representar uma sequência é em forma de lista*] e [*possui elementos sintáticos desse padrão*], respectivamente, descrevem Estados de coisas factuais, reais. Desse modo, ao assumir o conteúdo veiculado nas orações causais como real, o falante opta pelo presente do indicativo.

Nota-se que a informação nuclear de (10) [*a entrada **será representada** como uma lista de PROLOG*] é descrita no futuro do presente, e a de (11), no futuro do pretérito, modalizada pelo verbo *poder* [*esse padrão **poderia** estar associado à função de comparação*]. Mesmo assim, o enunciado principal de (10) e de (11) indicam um evento efetivo, em virtude da factualidade realizada e verificada pelos interlocutores por meio da informação contida nas respectivas orações adverbiais. Além disso, o modo indicativo nas duas orações (nuclear e causal) configura a realidade descrita pelos Estados de coisas.

A respeito das correlações modo-temporais verificadas nas orações condicionais marcadas por *desde que*, constataram-se 19 possibilidades demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 13: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional

Oração-núcleo	Oração condicional	TOTAL
Presente Indicativo	Presente Subjuntivo	130 43,5%
	F. Nominal (particípio)	35 11,7%
	Elipse verbal	02 0,7%
	Elipse verbal (adjetivo)	10 3,3%
	Pretérito Perfeito Subjuntivo	10 3,3%
Presente Contínuo	Presente Subjuntivo	03 1,0%
Elipse verbal	Presente Subjuntivo	03 1,0%
Pretérito Perfeito Indicativo	Presente Subjuntivo	03 1,0%
	F. Nominal (particípio)	03 1,0%
	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	04 1,3%
Pretérito Imperfeito Indicativo	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	07 2,3%
Futuro Presente Indicativo	Presente Subjuntivo	54 18,1%
	F. Nominal (particípio)	07 2,3%
	Elipse verbal	01 0,3%
	Elipse verbal (adjetivo)	04 1,3%
	Pretérito Perfeito Subjuntivo	14 4,7%
	Futuro Subjuntivo	04 1,3%
Futuro Pretérito Indicativo	Presente Subjuntivo	02 0,7%
	Pretérito Imperfeito Subjuntivo	03 1,0%
		<b>299</b>

A análise das ocorrências revela que a oração-núcleo se configura no modo indicativo, e os tempos mais frequentes foram o presente (62,5%) e o futuro do presente (28,0%); a oração condicional se configura no modo subjuntivo, com o presente (65,3%), seguido do pretérito perfeito (8,0%).

As correlações modo-temporais mais frequentes são presente indicativo-presente subjuntivo (43,5%) e futuro do presente indicativo-presente subjuntivo (18,1%). De acordo com Neves (2000), essas duas relações de tempo-modo são peculiares das orações introduzidas pelas locuções conjuntivas formadas pelo elemento final *que*, impossíveis de realizarem-se com a conjunção *se*, como ilustram (12a) e (13a):

#### **Presente indicativo-presente subjuntivo:**

(12) Segundo o chefe da fiscalização da Receita, Paulo Roberto Cugini, pelo menos 30% dos veículos vendidos estavam sem notas fiscais. Somente 2 das cerca de 50 lojas foram fiscalizadas: Tony Veículos e rede Cordeiro Veículos. *O dono da Tony Veículos, Antonio Maia, disse que não é contra a ação dos fiscais desde que a operação seja feita em todas as lojas de o ramo.* Luís Eduardo é filho de ACM e era o mais cotado para a vaga. Mas anteontem à noite ele comunicou ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen, que não iria mais aceitar concorrer a vice. (19N:Br:Folha)

(12a) \*Segundo o chefe da fiscalização da Receita, Paulo Roberto Cugini, pelo menos 30% dos veículos vendidos estavam sem notas fiscais. Somente 2 das cerca de 50 lojas foram fiscalizadas: Tony Veículos e rede Cordeiro Veículos. *O dono da Tony Veículos, Antonio Maia, disse que não é contra a ação dos fiscais se a operação seja feita em todas as lojas de o ramo.* Luís Eduardo é filho de ACM e era o mais cotado para a vaga. Mas anteontem à noite ele comunicou ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen, que não iria mais aceitar concorrer à vice.

#### **Futuro presente indicativo-presente subjuntivo:**

(13) Breta avisa que os segurados mais jovens serão os mais penalizados, pois terão aumentos maiores. A permissão dada pelo projeto do governo para empresas estrangeiras se associarem às brasileiras que atuam no mercado é considerada como fator de estímulo a mais à livre concorrência. *Pelo projeto poderão entrar no mercado nacional desde que se associem a parceiros brasileiros.* (19N:Br:SCat)

- (13a) \*Breta avisa que os segurados mais jovens serão os mais penalizados, pois terão aumentos maiores. A permissão dada pelo projeto do governo para empresas estrangeiras se associarem às brasileiras que atuam no mercado é considerada como fator de estímulo a mais à livre concorrência. *Pelo projeto **poderão entrar** no mercado nacional se se **associem** a parceiros brasileiros.*

No cópuz, entretanto, embora raras (1,3%), constataram-se ocorrências de orações condicionais marcadas por *desde que* configuradas com o futuro do subjuntivo, como se verifica em (14) e em (15):

- (14) Pelo contrato de compra e venda, um dos contratantes se obriga a transferir o domínio de certa coisa, e o outro, a pagar-lhe certo preço em dinheiro. Art. 482. *A compra e venda, quando pura, **considerar-se-á** obrigatória e perfeita, **desde que** as partes **acordarem** no objeto e no preço.* Art. 483. A compra e venda pode ter por objeto coisa atual ou futura. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (15) No que diz respeito à lexicografia, Biderman (1998b) atenta para aquela realizada, sobretudo, na França contemporânea, sendo um exemplo o dicionário Petit Robert. Essa autora considera como homônimas as palavras de grafia idêntica, ou seja, que possuem o mesmo significante, e significados muito distintos; ressalta que, nos dias de hoje, a discriminação dos homônimos não se faz baseada no étimo. *No que diz respeito à polissemia, acrescenta que, **desde que** for possível realizar a identificação de um sema comum, ou pelo menos um mesmo sema entre várias acepções da palavra, **ocorrerá** a polissemia.* (19Ac:Br:Lac:Thes)

Essas ocorrências comprovam a importância de analisar-se a língua em uso e demonstram que as possibilidades disponíveis na língua vão além do que é previsto nas gramáticas normativas.

Outra particularidade constatada no exame das orações marcadas pela locução *desde que* foi o baixo número de ocorrências com a configuração modo-temporal pretérito imperfeito do indicativo na oração nuclear, com referência de tempo futuro, equivalente ao futuro do pretérito. Isso se ilustra pelas três ocorrências encontradas no cópuz:

- (16) Calcula-se que os Mistérios foram inaugurados no século XV a.C. e perduraram por dois mil anos. *Tinham um caráter extremamente democrático, pois qualquer um, governante, escrava, dona de casa ou prostituta, **podia tornar-se** um Iniciado, **desde que** soubesse falar*

*grego*. Tal condição se fazia necessária pela necessidade de se repetir, durante a liturgia, fórmulas e palavras. Além disso, sua prática não interferia nos afazeres cotidianos ou em qualquer tipo de atividade pois os Mistérios não se constituíam em seita ou associação secreta. (19Ac:Br:Enc)

- (17) Um comunicado oficial divulgado após o encontro, realizado hoje, a bordo de um barco, na costa do Congo, informa que Mandela convocará, no máximo em 10 dias, uma nova rodada de negociações. Kabila não aceita outra alternativa que não seja a renúncia de Mobuto. *Este, por sua vez, disse na reunião de hoje que **aceitava deixar o poder, desde que fosse substituído por um presidente eleito***. Os rebeldes alegam, no entanto, que a proposta significaria apenas que Mobuto continuaria governando, só que por meio de um outro presidente. (19N:Br:SCat)
- (18) Marcos CINTRA CAVALCANTI De ALBUQUERQUE, 48, doutor em economia por a Universidade de Harvard EUA, é vereador de a cidade de São Paulo por o PL e professor de a Fundação Getúlio Vargas SP. Foi secretário do Planejamento e de Privatização e Parceria do município de São Paulo administração Paulo Maluf. nbr-fol-180. Também nisto Bôscoli estava em seu elemento: *poucos **podiam ser mais hilariantemente viperinos desde que a piada não fosse dirigida contra você***. E havia outro motivo para que ele atraísse a ira de tantos: seu sucesso com as mulheres. (19N:Br:Folha)

É possível afirmar que a baixa ocorrência dessa configuração se relaciona ao grau de formalidade dos textos pesquisados, uma vez que essa correlação modo-temporal é bastante comum na oralidade, sobretudo com a conjunção *se*. De acordo com Neves (2000) e com Hirata-Vale (2005), nas orações condicionais que seguem a oração-núcleo, o falante faz uma ressalva em relação ao conteúdo emitido na oração nuclear. Isso se comprova pelas ocorrências (16a), (17a) e (18a), as quais descrevem hipóteses eventuais:

- (16a) Calcula-se que os Mistérios foram inaugurados no século XV a.C. e perduraram por dois mil anos. *Tinham um caráter extremamente democrático, pois qualquer um, governante, escrava, dona de casa ou prostituta, **podia tornar-se um Iniciado**, [ressalva] **desde que soubesse falar grego***. Tal condição se fazia necessária pela necessidade de se repetir, durante a liturgia, fórmulas e palavras. Além disso, sua prática não interferia nos afazeres cotidianos ou em qualquer tipo de atividade pois os Mistérios não se constituíam em seita ou associação secreta.



- (17a) Um comunicado oficial divulgado após o encontro, realizado hoje, a bordo de um barco, na costa do Congo, informa que Mandela convocará, no máximo em 10 dias, uma nova rodada de negociações. Kabila não aceita outra alternativa que não seja a renúncia de Mobuto. *Este, por sua vez, disse na reunião de hoje que **aceitava deixar o poder**, [ressalva] **desde que fosse substituído por um presidente eleito**.* Os rebeldes alegam, no entanto, que a proposta significaria apenas que Mobuto continuaria governando, só que por meio de um outro presidente.
- (18a) Marcos CINTRA CAVALCANTI De ALBUQUERQUE, 48, doutor em economia por a Universidade de Harvard EUA, é vereador de a cidade de São Paulo por o PL e professor de a Fundação Getúlio Vargas SP. Foi secretário do Planejamento e de Privatização e Parceria do município de São Paulo administração Paulo Maluf. nbr- fol-180. Também nisto Bôscoli estava em seu elemento: *poucos **podiam ser mais hilarantemente viperinos** [ressalva] **desde que a piada não fosse dirigida contra você**.* E havia outro motivo para que ele atraísse a ira de tantos: seu sucesso com as mulheres.

Nessas construções, o falante enuncia os eventos, mas a dúvida quanto ao preenchimento imposto pela condição de (16) [*qualquer um saber falar grego*]; (17) [*Mobuto ser substituído por um presidente eleito*] e de (18) [*a piada não ser dirigida contra você*] é maior, ou seja, muito menos provável de realizar-se.

Ainda em relação aos tempos e aos modos verbais, as orações adverbiais com a locução *desde que* apresentou duas configurações pouco usuais:

#### **Presente indicativo-clipse verbal:**

- (19) São necessários vários cuidados quando se tem um doente em casa. Qualquer objeto que ele tenha tocado, principalmente talheres, copos, pratos, sanitários e roupas de cama, podem transmitir a doença a qualquer pessoa que ainda não tenha sido vacinada ou que não seja imunizada. Recomenda-se o isolamento e a quarentena, já que a doença pode ser transmitida também no período de convalescença. *No período de incubação, que ocorre entre oito e doze dias, o paciente ainda **pode ser vacinado, desde que no início deste período**.* A vacina foi descoberta pelo médico Edward Jenner em 1796 e proporciona imunidade temporária, obrigando que as dosagens sejam repetidas a cada cinco ou sete anos. (19Ac:Br:Enc)

### **Futuro presente indicativo-elipse verbal, seguido de sintagma adjetival:**

- (20) Art. 161. Não sendo contestado o pedido, a autoridade judiciária dará vista dos autos ao Ministério Público, por cinco dias, salvo quando este for o requerente, decidindo em igual prazo. § 1º Havendo necessidade, a autoridade judiciária poderá determinar a realização de estudo social ou perícia por equipe interprofissional, bem como a oitiva de testemunhas. § 2º *Se o pedido importar em modificação de guarda, será obrigatória, desde que possível e razoável<sup>20</sup>, a oitiva da criança ou adolescente.* (19Ac:Br:Lac:Misc)

As ocorrências (19) e (20) evidenciam que a referência temporal da oração condicional é dependente da referência temporal da oração-núcleo ainda que o verbo desta não tenha sido enunciado, pois o contexto possibilita pressupor o tempo da oração condicional no presente ou, mais raro, no futuro do subjuntivo, dada a anterioridade-posterioridade expressa nessas relações.

A seguir, discutem-se as características das orações adverbiais introduzidas pela locução conjuntiva *uma vez que*.

### 3.5 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS INTRODUZIDAS POR *UMA VEZ QUE*

A locução conjuntiva *uma vez que* foi a que apresentou o maior número de ocorrências (758) dentre as três pesquisadas neste trabalho. Verificou-se uma tendência de essa locução especializar-se em usos que veiculam causalidade, visto que 752 são causais, consoante esta tabela:

Tabela 14: *Uma vez que*: número de ocorrências causais e condicionais

<i>Uma vez que</i>	
<b>Tipo de relação</b>	<b>Ocorrências</b>
Causal	752 99,2%
Condicional	06 0,8%
<b>TOTAL</b>	<b>758</b>

<sup>20</sup> Grifo nosso.

Em relação à ordem, *uma vez que* foi a única que apresentou, além da anteposição e da posposição, orações em posição medial, com interpretação causal, segundo ilustra a seguinte tabela:

Tabela 15: A ordem das orações causais e condicionais

<b>Ordem da oração adverbial</b>	<b>Oração causal</b>	<b>Oração condicional</b>	<b>TOTAL</b>
Anteposta	68 9,0% <sup>21</sup>	02 33,0% <sup>22</sup>	70 9,2% <sup>23</sup>
Medial	07 1,0%	Ø	07 0,9%
Posposta	677 <b>90,0%</b>	04 <b>67,0%</b>	681 89,9%
TOTAL	752	06	758

Por meio dos dados, nota-se a posposição como ordem dominante em 90,0% dos casos de *uma vez que* causal. A anteposição representa (9,0%), e a medial, apenas (1,0%). Das 07 ocorrências das orações causais em posição medial, 04 se configuram com o presente-presente do indicativo na oração-núcleo e na adverbial.

O exemplo (01) ilustra a anteposição, (02), a medial, e (03) e (04), a posposição:

(01) Pode parecer exagero comparar as duas situações, mas os argumentos apresentados pelos líderes do governo não deixam margem para dúvidas. No seu objetivo de aprovar a reforma, eles estavam tendo que negociar com gente fria, perigosa, implacável. Gente incapaz de se comover com propósitos moralizadores ou com o preceito constitucional de que todos são iguais perante a lei. Ou ainda, com o chamado princípio da isonomia. *Uma vez que não arredavam pé de suas exigências, o time governista passou a buscar formas de justificar a imoralidade e foi assim que se chegou à espantosa desculpa: com o acordo, o país vai economizar 19 bilhões em seis anos, em troca de uns míseros 100 milhões anuais desviados para o bolso desse pessoal.* (19N:Br:Cur)

(02) O DNA resultante é inserido no próprio material genético da célula infectada. O vírus em si não possui seus próprios meios de se

<sup>21</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais (752).

<sup>22</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências condicionais (06).

<sup>23</sup> O valor percentual foi calculado em relação ao número total de ocorrências causais e condicionais (758).

reproduzir, e é justamente através de sua ação sobre as células que sua reprodução é realizada. *O DNA introduzido, **uma vez que se torna parte do DNA celular, fornece instruções à célula para a produção de vírus HIV sob a forma de proteína.*** Uma enzima chamada protease divide tal proteína para formar novos vírus na forma original de RNA, e o processo se repete com a infecção de novas células CD4+. Na verdade o vírus HIV é muito frágil quando exposto ao ambiente, não podendo sobreviver fora do corpo humano. (19Ac:Br:Enc)

- (03) Funcionava simultaneamente como um local de culto à musas e de investigações nos campos da filosofia, da matemática, da música e da astronomia. ***Desempenhou um papel pedagógico fundamental, uma vez que foi cenário de importantes lições e diálogos.*** Platão, com a criação da Academia, foi o primeiro “chefe” de uma instituição de ensino, onde a investigação filosófica se encontrava viva, em permanente discussão e reformulação. Em seu pórtico havia uma inscrição: “Aqui não entre quem não souber geometria. (19Ac:Br:Enc)
- (04) Com duas cabines automatizadas, com capacidade para 30 passageiros cada, o Liberdade/Calçada é o mais novo dos três ascensores da prefeitura (os outros são o Elevador Lacerda e Plano Gonçalves). *A pane verificada ontem **deveu-se justamente à falta de pessoal qualificado para operá-lo, uma vez que nos últimos dias, com a demissão em massa feita na Prefeitura de Salvador, os operadores contratados nos últimos oito anos, justamente os que eram considerados capacitados para esse tipo de trabalho, foram afastados, sendo substituídos por velhos funcionários que não conhecem ainda os mecanismos de funcionamento do elevador.*** Ontem pela manhã, o Liberdade/Calçada estava operando com seis funcionários do Plano Gonçalves, que não têm experiência no manuseio do sistema. (19N:Br:Bahia)

Em (01), a causa real (evento afirmado) precede a oração-núcleo. Conforme mencionado anteriormente, Neves (1999a, 2000) assume que a anteposição é favorecida nos casos em que se apresenta primeiro a informação ‘dada’ e, em seguida, a informação nova. No entanto, a análise dos dados contraria essa tendência, visto que o conteúdo de todas as orações iniciadas por *uma vez que* é verificado, e 90,0% das orações causais são postpostas.

A oração causal de (02) se encontra em posição medial, isto é, ela fragmenta o conteúdo veiculado na oração-núcleo, separando o sujeito desta [*o DNA*] de seu verbo/predicado [*fornece instruções à célula*]. Como indica a tabela acima, esse tipo de ocorrência foi bastante raro. Pode-se dizer que isso se deve ao fato de que essa maneira como

o conteúdo é emitido pelo falante dificulta a compreensão do ouvinte, pois o processamento cognitivo por parte dos interlocutores é mais complexo.

As ocorrências (03) e (04) são exemplos de orações causais pospostas. Nota-se que, em dados reais da língua, as informações da oração principal e da adverbial nem sempre são comunicadas de modo direto como ocorre em (03). Em (04), por exemplo, a locução conjuntiva *uma vez que*, seu sujeito [*os operadores*] e o verbo da oração causal [*foram afastados*] são intercalados por expressões de tempo e por orações adjetivas.

Na interpretação condicional, em 67,0% dos casos, a oração condicional segue a oração principal, como demonstram (05) e (06):

- (05) O plano propõe que os moradores de a Irlanda do Norte decidam o seu futuro em plebiscito, que manteria a soberania britânica devido à maioria protestante na região. *A proposta abre a possibilidade de negociações com os católicos do Sin Fein uma vez que o IRA encerre definitivamente sua campanha terrorista.* A devolução poderia ser determinada por outro instrumento legal, como um projeto de resolução do Congresso. O líder de o PMDB, Tarcísio Delgado MG, concorda. (19N:Br:Folha)
- (06) O pensamento de Merleau-Ponty se encontra marcadamente influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl. Deste modo, seu propósito último é abolir as antinomias criadas pela filosofia moderna, entre sujeito e objeto, interior e exterior, homem e mundo, natureza e história. *Esta maneira dualista de proceder frente à realidade somente poderá ser superada uma vez que se encontre a unidade originária, a partir da qual estas separações se constroem.* Tal unidade é pensada por Merleau-Ponty a princípio como consciência perceptiva e, posteriormente, como radicalização desta noção, como corpo. (19Ac:Br:Enc)

Nas construções condicionais, o falante apresenta sua avaliação mental sobre o Conteúdo Proposicional veiculado pela oração-núcleo. Em (05), a crença do falante se assenta na possibilidade de haver negociações entre protestantes e católicos, desde que a condição [*o IRA encerrar definitivamente sua campanha terrorista*] seja satisfeita. Em (06), o advérbio *somente* e o verbo modal *poder* manifestados na oração principal enfatizam ainda mais a restrição estabelecida por meio da oração condicional [*a unidade originária ser encontrada*]. Essas escolhas refletem uma dúvida maior do falante em relação ao enunciado da oração-núcleo.

Quanto às correlações modo-temporais presentes nas orações causais marcadas por *uma vez que*, constataram-se 37 correlações demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 16: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração causal

Oração-núcleo	Oração causal	TOTAL
Presente Indicativo	Presente Indicativo	443 59,0%
	Presente Contínuo	03 0,4%
	Pretérito Perfeito Indicativo	33 4,4%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	20 2,6%
	Pretérito M. Perfeito Indicativo	02 0,2%
	Futuro Presente Indicativo	14 1,9%
	Futuro Pretérito Indicativo	13 1,8%
Presente Contínuo	Presente Indicativo	06 0,8%
	Presente Contínuo	01 0,1%
	Pretérito Perfeito Indicativo	01 0,1%
Elipse verbal	Presente Indicativo	02 0,2%
Pretérito Perfeito Indicativo	Presente Indicativo	24 3,1%
	Presente Contínuo	01 0,1%
	Pretérito Perfeito Indicativo	35 4,6%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	34 4,5%
	Pretérito M. Perfeito Indicativo	05 0,6%
	Futuro Presente Indicativo	02 0,2%
	Futuro Pretérito Indicativo	05 0,6%

Pretérito Imperfeito Indicativo	Presente Indicativo	03 0,4%
	Pretérito Perfeito Indicativo	04 0,4%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	28 3,7%
	Pretérito M. Perfeito Indicativo	02 0,2%
	Futuro Presente Indicativo	01 0,1%
	Futuro Pretérito Indicativo	02 0,2%
Pretérito M. Perfeito Indicativo	Presente Indicativo	01 0,1%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	02 0,2%
	Pretérito M. Perfeito Indicativo	01 0,1%
Futuro Presente Indicativo	Presente Indicativo	18 2,3%
	Pretérito Perfeito Indicativo	04 0,6%
	Futuro Presente Indicativo	09 1,1%
	Futuro Pretérito Indicativo	01 0,1%
Futuro Pretérito Indicativo	Presente Indicativo	20 2,6%
	Presente Contínuo	02 0,2%
	Pretérito Perfeito Indicativo	01 0,1%
	Pretérito Imperfeito Indicativo	05 0,6%
	Pretérito M. Perfeito Indicativo	01 0,1%
	Futuro Pretérito Indicativo	03 0,4%
		<b>752</b>

Os dados apresentados mostram que o tempo-modo mais frequente na oração nuclear é o presente (70,3%), seguido do pretérito perfeito do indicativo (13,7%). A oração causal se configura com o presente (68,5%), seguido do pretérito imperfeito do indicativo (11,6%).

As três correlações modo-temporais mais encontradas no corpus foram presente-presente indicativo (59,0%); pretérito perfeito-pretérito imperfeito indicativo (4,5%) e

presente-pretérito perfeito indicativo (4,4%). Essas configurações são ilustradas, respectivamente, pelas ocorrências (07), (08) e (09):

**Presente indicativo-presente indicativo:**

- (07) Várias são as classificações de FURTO, podendo ser do tipo simples até o qualificado, tendo, determinado crime, penas de um até oito anos, com sua forma qualificadora, isto é, quando para consecução do crime fim (FURTO), o agente é obrigado a destruir ou romper obstáculo. *O crime de FURTO é considerado crime contra o patrimônio, pois fere o mesmo, uma vez que ele é o objeto do crime.* Há que se observar, todavia, que no crime de FURTO, apesar da subtração do bem, não há violência contra a pessoa detentora ou possuidora do mesmo, ou pelo menos indiretamente. (19Ac:Br:Enc)

A oração causal de (07) [*ele é o objeto do crime*] descreve a causa real que desencadeia o efeito/consequência da oração-núcleo [*o crime de furto é considerado crime contra o patrimônio*]. Neves (2000) assume que essa relação de causa-efeito/consequência descrita nas relações causais pode ser configurada por uma relação de conclusão, expressa pela conjunção *então*, como se vê a seguir:

- (07a) *(Uma vez que) ele (o patrimônio) é objeto do crime, [então] o crime de furto é considerado crime contra o patrimônio.*

Visto que Estados de coisas podem ser restringidos em termos de frequência de ocorrência, pode-se dizer que, em determinadas circunstâncias, é possível fazer a seguinte paráfrase: “*sempre que ocorre x [oração causal], ocorre y [oração-núcleo]*”, ilustrada por (07b):

- (07b) *[Sempre que] ele (o patrimônio) for objeto do crime, o crime de furto será considerado crime contra o patrimônio.*

**Pretérito perfeito indicativo-pretérito imperfeito indicativo:**

- (08) O desenvolvimento da manufaturação de armas e diversos instrumentos feitos em pedra continuou rapidamente através dos tempos. No período Mesolítico, utensílios cortantes e cada vez mais aperfeiçoados foram adaptados às novas necessidades humanas, pois o clima estava cada vez mais ameno com o fim da Era Glacial. *Com esta mudança climática a comida tornou-se muito mais abundante, uma*



*vez que a vida animal florescia com o calor.* A caça e a pesca tornaram-se o meio principal para a subsistência do homem e armas direcionadas para este tipo de atividade foram desenvolvidas a partir dos modelos antigos. (19Ac:Br:Enc)

Em (08), o Estado de coisas da oração causal [*a vida animal florescia com o calor*] descreve um fato comprovado, que justifica a ocorrência de [*a comida ter se tornado muito mais abundante*]. Essa ocorrência pode ser restringida pela expressão de tempo relativo *durante muito tempo*, cujo escopo incide sobre as duas orações:

(08a) O desenvolvimento da manufatura de armas e diversos instrumentos feitos em pedra continuou rapidamente através dos tempos. No período Mesolítico, utensílios cortantes e cada vez mais aperfeiçoados foram adaptados às novas necessidades humanas, pois o clima estava cada vez mais ameno com o fim da Era Glacial. *Com esta mudança climática, [durante muito tempo] a comida tornou-se muito mais abundante, uma vez que a vida animal florescia com o calor.* A caça e a pesca tornaram-se o meio principal para a subsistência do homem e armas direcionadas para este tipo de atividade foram desenvolvidas a partir dos modelos antigos.

### **Presente indicativo-pretérito perfeito indicativo:**

(09) PRIMEIRO PERÍODO DA ARTE BIZANTINA Nesse primeiro período, temos a figura do Imperador Justiniano, O Grande (527 - 565) como líder de uma das épocas de maior desenvolvimento da arte Bizantina. O Imperador era conhecido por patrocinar a atividade, além de sua força política e militar. A influência clássica era bastante nítida nos trabalhos do período. *Entretanto, trata-se de uma época de difícil estudo uma vez que poucas obras sobreviveram.* Uma das maiores obras de Justiniano foi a reconstrução da Igreja de Hagia Sophia. (19Ac:Br:Enc)

O exemplo (09), por sua vez, pode ser qualificado pela expressão de realidade *de fato*, visto que o Estado de coisas da oração principal [*trata-se de uma época de difícil estudo*] é causado pelo Estado de coisas da oração adverbial [*poucas obras sobreviveram*], que relata um evento ocorrido no mundo real:

(09a) PRIMEIRO PERÍODO DA ARTE BIZANTINA Nesse primeiro período, temos a figura do Imperador Justiniano, O Grande (527 - 565) como líder de uma das épocas de maior desenvolvimento da arte

*Bizantina. O Imperador era conhecido por patrocinar a atividade, além de sua força política e militar. A influência clássica era bastante nítida nos trabalhos do período. Entretanto, trata-se de uma época de difícil estudo uma vez que [de fato], poucas obras sobreviveram. Uma das maiores obras de Justiniano foi a reconstrução da Igreja de Hagia Sophia.*

Todas as ocorrências causais examinadas nesta pesquisa evidenciam a factualidade das configurações manifestadas por meio do modo indicativo, que se refere ao estatuto de realidade e ao comprometimento do falante em relação a seu enunciado.

Nos casos de orações condicionais com *uma vez que*, comprovaram-se 03 correlações modo-temporais demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 17: Correlações modo-temporais na Oração-núcleo e na Oração condicional

Oração-núcleo	Oração condicional	TOTAL
Presente Indicativo	Presente Subjuntivo	04 67,0%
	Presente Subjuntivo	01 16,5%
Futuro Presente Indicativo	Pretérito Perfeito Subjuntivo	01 16,5%
		<b>06</b>

A tabela acima revela que o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente do indicativo (67,0%), seguido do futuro do presente (33,0%). Na oração condicional, é o presente do subjuntivo (83,5%), seguido do pretérito perfeito (16,5%).

Com a locução *uma vez que*, todas as condicionais coletadas no *cópus* são eventuais/potenciais, as quais representam as construções hipotéticas por excelência. Segundo Hirata (1999) e Neves (1999b, 2000), nas orações condicionais eventuais iniciadas com a conjunção prototípica *se*, o tempo-modo mais frequente da oração adverbial é o futuro do subjuntivo. As condicionais iniciadas com *uma vez que* se configuram com o presente do subjuntivo. Apesar disso, nota-se que o tempo presente apresenta referência temporal de futuro. Pode-se afirmar, então, que o tempo verbal é determinado pelo tipo de conjunção, como se vê em (10a) e em (11a):

### Presente indicativo-presente subjuntivo:

- (10) A adoção de cuidados recomendados visa facilitar a organização de fatores e a montagem da árvore e uniformizar o uso dessa técnica, diminuindo o número de diferenças evidenciadas em análises e árvores realizadas por diferentes pessoas e/ou equipes. Em todas as 75 árvores analisadas, verificou-se desrespeito à recomendação de nomear cada fato com frase construída com a estrutura sujeito-verbo-complemento (S-V-C), se necessário. *O prejuízo advindo dessa prática **pode ser** de importância menor, **uma vez que** a denominação escolhida **permita** identificação precisa do fator e de sua participação na árvore, o que, infelizmente, não foi o que ocorreu nas árvores elaboradas nas empresas estudadas.* Nelas, foram associadas outras falhas, como dois nomes para um mesmo fator, um só nome para dois ou mais fatores, nomes que não permitiam a identificação de um fato ou evento especificado, além de outras falhas. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (10a) A adoção de cuidados recomendados visa facilitar a organização de fatores e a montagem da árvore e uniformizar o uso dessa técnica, diminuindo o número de diferenças evidenciadas em análises e árvores realizadas por diferentes pessoas e/ou equipes. Em todas as 75 árvores analisadas, verificou-se desrespeito à recomendação de nomear cada fato com frase construída com a estrutura sujeito-verbo-complemento (S-V-C), se necessário. *O prejuízo advindo dessa prática **pode ser** de importância menor, **se** a denominação escolhida **permitir** identificação precisa do fator e de sua participação na árvore, o que, infelizmente, não foi o que ocorreu nas árvores elaboradas nas empresas estudadas.* Nelas, foram associadas outras falhas, como dois nomes para um mesmo fator, um só nome para dois ou mais fatores, nomes que não permitiam a identificação de um fato ou evento especificado, além de outras falhas.

### Futuro presente indicativo-presente subjuntivo:

- (11) A estrutura do comportamento; Fenomenologia da percepção; Humanismo e terror; Sentido e não sentido; Elogio da filosofia; As aventuras da dialética; Sinais; O olho e o espírito; O visível e o invisível; A prosa do mundo. O pensamento de Merleau-Ponty se encontra marcadamente influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl. Deste modo, seu propósito último é abolir as antinomias criadas pela filosofia moderna, entre sujeito e objeto, interior e exterior, homem e mundo, natureza e história. *Esta maneira dualista de proceder frente à realidade somente **poderá ser superada uma vez que se encontre** a unidade originária, a partir da qual estas separações se constroem.* Tal unidade é pensada por Merleau-Ponty a

princípio como consciência perceptiva e, posteriormente, como radicalização desta noção, como corpo. (19Ac:Br:Enc)

- (11a) A estrutura do comportamento; Fenomenologia da percepção; Humanismo e terror; Sentido e não sentido; Elogio da filosofia; As aventuras da dialética; Sinais; O olho e o espírito; O visível e o invisível; A prosa do mundo. O pensamento de Merleau-Ponty se encontra marcadamente influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl. Deste modo, seu propósito último é abolir as antinomias criadas pela filosofia moderna, entre sujeito e objeto, interior e exterior, homem e mundo, natureza e história. *Esta maneira dualista de proceder frente à realidade somente **poderá ser superada se se encontrar a unidade originária, a partir da qual estas separações se constroem.*** Tal unidade é pensada por Merleau-Ponty a princípio como consciência perceptiva e, posteriormente, como radicalização desta noção, como corpo.

Expostas, individualmente, as características das orações adverbiais introduzidas pelas locuções conjuntivas causais/condicionais *dado que*, *desde que* e *de uma vez que*, a seguir, comparam-se os dados obtidos nas análises apresentadas anteriormente.

#### 4.6 DADO QUE CAUSAL x CONDICIONAL

Nesta subsecção, faz-se uma análise comparativa dos dados obtidos por meio dos procedimentos anteriores com a locução conjuntiva *dado que* causal e condicional.

No que diz respeito à ordem, nas orações causais, a ordem dominante é a posposta (89,0%) enquanto nas condicionais, é a anteposta (60,0%). Apesar de as orações causais se diferenciarem das orações condicionais em relação à posição, ambas veiculam informação partilhada, consensual. Pode-se dizer que isso se deve à base da locução *dado que*, constituída pelo particípio passado.

A respeito das correlações modo-temporais, verificou-se que, nas relações causais, o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo e na causal é o presente do indicativo: 64,0% e 72,0%, respectivamente. Nas relações condicionais, o tempo-modo mais frequente na oração-núcleo é o presente do indicativo (40,0%), e, na condicional, o pretérito imperfeito do subjuntivo (80,0%). Isso evidencia o carácter factual das orações causais em contradição com o carácter não-factual das orações condicionais, de acordo com a classificação proposta por Hengeveld (1998).

#### 4.7 DESDE QUE CAUSAL x CONDICIONAL

Por meio do exame das orações adverbiais introduzidas pela locução conjuntiva *desde que* com sentido causal e condicional, verificou-se que, no que diz respeito às correlações modo-temporais, nas duas relações causais examinadas neste trabalho, uma oração nuclear se configura com o futuro do presente, e a outra, com o futuro do pretérito do indicativo. As duas orações causais, por sua vez, configuram-se com o presente do indicativo. O modo indicativo configura a factualidade descrita nesse tipo de relação.

Nas relações condicionais, o tempo-modo mais frequente da oração-núcleo é o presente do indicativo (63,0%), e o da oração condicional, o presente do subjuntivo (65,0%). O modo subjuntivo se caracteriza pelo descomprometimento do falante em relação ao conteúdo veiculado pela oração condicional cuja informação não é afirmada nem percebida, mas deixada em aberto. Isso configura a não-facualidade das relações hipotéticas.

A análise demonstrou também que o presente do subjuntivo só se realiza em orações condicionais iniciadas com as locuções conjuntivas constituídas do elemento *que*, impossível de realizar-se com a conjunção *se*. Uma particularidade verificada no exame de *desde que* foram as orações condicionais realizadas com o futuro do subjuntivo. Verificou-se também que a locução conjuntiva condicional *desde que* equivale à *somente se*, e, com isso, constata-se uma maior força argumentativa no discurso.

Do ponto de vista estrutural, visto que houve apenas duas orações causais, constatou-se que elas podem tanto anteceder como seguir a oração-núcleo e que, independentemente da ordem, a informação se assenta na causalidade verificada. As orações condicionais, por sua vez, são pospostas em quase sua totalidade (94,0%), exercem a função de ressalva e seu conteúdo também é partilhado entre falante e ouvinte. Quanto à constituição da oração, as orações adverbiais modificam, acrescentam informação semântica à oração matriz e se subordinam a esta.

#### 4.8 UMA VEZ QUE CAUSAL x CONDICIONAL

O cópuz revelou que todas as orações condicionais iniciadas com *uma vez que* coletadas no cópuz são, geralmente, expressas com referência de tempo futuro, em consonância com a potencialidade de realizar-se, de a condição ser satisfeita a partir do momento em que o falante enuncia sua condição.

A respeito das relações de tempos e modos verbais, a oração-núcleo das relações causais e a das condicionais se configura com o presente do indicativo em 70,3% e em 67,0%, respectivamente. A oração adverbial causal e a condicional se realizam com o presente, no entanto, diferenciam-se quanto ao modo: indicativo na oração causal, e subjuntivo na condicional.

Assim como Neves (2001), esta análise permitiu comprovar que a locução conjuntiva *uma vez que* com sentido causal se liga a um ponto no passado, mas, nos empregos com valor condicional, o modo subjuntivo desfaz essa ligação com o passado.

Em relação à ordem dominante, verificou-se a posposição tanto nas orações causais (90,0%) como nas condicionais (67,0%). Essa ordem reflete a motivação não-icônica em que se apresenta primeiro a consequência e, depois, a causa/condição. No caso das orações causais iniciadas com a conjunção prototípica *porque* e com a locução *uma vez que*, a ordem não-marcada é a posposta, e, no caso das condicionais, ao contrário das orações iniciadas por *se*, nas marcadas por *uma vez que*, a posposição também tem se revelado a mais produtiva. A ordem é um dos mecanismos da língua do qual o falante faz uso a fim de orientar seu ouvinte a respeito do que será dito.

Da mesma maneira que se constatou no exame das orações adverbiais iniciadas com *dado que* e com *desde que*, todas as orações adverbiais (causais e condicionais) introduzidas por *uma vez que* emitem conteúdo não-novo e são subordinadas à oração principal.

Tendo em vista a análise empreendida neste trabalho, apresentam-se, resumidamente, as principais características averiguadas nos usos causais e condicionais em estudo:

Tabela 18: Classificação das relações de causa e de condição

<b>Tipo de relação</b>	<b>Modificador</b>	<b>Domínio</b>	<b>Tipo de entidade</b>	<b>Factuabilidade</b>	<b>Referência temporal</b>	<b>Pressuposição</b>
Causal	predicacional	conteúdo	2ª ordem (EC reais)	Factuais	RTD	não-pressuposta
Condicional	proposicional	epistêmico	3ª ordem (CP não-V)	não-factuais	RTI	não-pressuposta

## 5 CONCLUSÕES

Neste trabalho, propôs-se investigar e descrever as relações causais e condicionais expressas pelas locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *por uma vez que* no português contemporâneo do Brasil.

O *cópus* examinado se constituiu de dados reais, extraídos de textos escritos. A integração dos parâmetros pragmáticos, semânticos e morfossintáticos possibilitou identificar as recorrências presentes nessas relações. No que diz respeito aos parâmetros pragmáticos, especificamente aos domínios propostos por Sweetser (1990), os dados revelaram que as orações causais representam modificadores predicacionais, com leitura no domínio de conteúdo, já que elas descrevem causas de eventos no mundo real. As orações condicionais, por sua vez, são modificadores proposicionais, com leitura no domínio epistêmico, posto que essas orações passam, inevitavelmente, pelo julgamento do falante, que apresenta as condições baseadas em suas crenças e em suas conclusões.

Examinada a estrutura semântica interna das relações de causalidade e de condicionalidade expressas por *dado que*, *desde que* e *por uma vez que*, consideraram-se os quatro parâmetros propostos por Hengeveld (1998) – (i) tipo de entidade; (ii) factualidade; (iii) pressuposição e (iv) dependência temporal. Neste estudo, confirmou-se que, em relação ao tipo de entidade, as orações causais representam entidades de segunda ordem, e as orações condicionais, entidades de terceira ordem.

Quanto à factualidade, as orações causais são factuais, uma vez que descrevem Estados de coisas reais, e as condicionais são não-factuais, visto que descrevem Conteúdos Proposicionais não-verdadeiros.

Em relação ao parâmetro dependência temporal, todas as orações causais apresentam referência temporal independente, e as orações condicionais, referência temporal dependente da oração nuclear.

A semelhança entre essas orações se refere à pressuposição: ambas veiculam informação não-pressuposta. Considerada a (não)-realidade/(não)-verdade do conteúdo veiculado na oração causal/condicional, compreende-se que esse parâmetro pode favorecer a sobreposição de leituras/interpretações, visto que, em determinados contextos, a causa é apresentada para o ouvinte como algo ‘hipotético’, no sentido que a informação contida na oração adverbial pode não representar a causa única responsável pelo efeito causado, mas sim a causa que o falante considera mais adequada/relevante/‘provável’ para satisfazer suas intenções comunicativas. Nas relações condicionais, os Conteúdos Proposicionais descrevem

fatos possíveis, que não são realizados nem percebidos, mas deixados em aberto, cujo preenchimento poderá ou não ocorrer. É nesse sentido que o falante pressupõe que o conteúdo da oração condicional é não-pressuposto a ser verdadeiro. Pode-se dizer, então, que, nesses casos, o conteúdo da oração causal é mais hipotético, e o da oração condicional, menos hipotético. Nesse sentido, parece haver, em certos contextos, uma ‘neutralização’ entre o uso causal e o condicional, o que permitiria a sobreposição de leituras dessas conjunções. Nota-se, portanto, que os resultados obtidos corroboram a classificação estabelecida por Hengeveld (1998).

As orações causais e condicionais são compatíveis também pelo fato de que, independentemente da locução conjuntiva e do sentido causal/condicional, todas as orações veiculam informação consensual, compartilhada entre falante e ouvinte.

Outro critério semântico examinado que permitiu identificar o valor causal e o condicional das orações marcadas por essas locuções conjuntivas foi o modo verbal, que segundo Hengeveld (1989; 1998) e Hengeveld e Mackenzie (2008), diz respeito ao estatuto de realidade/irrealidade. Constatou-se que o modo indicativo caracteriza os empregos com sentido causal, visto que o falante avalia o estatuto de realidade do Estado de coisas, e o modo subjuntivo é peculiar do uso condicional, uma vez que as orações condicionais veiculam Conteúdos Proposicionais irrealis. Em relação à locução conjuntiva *dado que*, verificou-se, assim como Neves (2001), que, embora a locução conjuntiva *dado que* se constitua do verbo *dar* no particípio passado, quando empregada com valor condicional, o modo subjuntivo desfaz a telicidade do particípio.

Corroborando o posicionamento de Neves (1999b, 2000) e de Oliveira (2008), as orações condicionais iniciadas com as locuções conjuntivas *dado que*, *desde que* e *uma vez que* restringem o significado da oração nuclear cujo valor de verdade da oração condicional determina o valor de verdade daquela. A oração nuclear, por sua vez, expressa a consequência do preenchimento ou não da condição única, que é estabelecida na situação comunicativa. Essa restrição se justifica pelo fato de *dado que*, *desde que*, e de *uma vez que* serem conjunções lexicais, constituídas de sentido.

No que diz respeito à estrutura formal das orações causais e condicionais introduzidas pelas locuções conjuntivas em estudo, analisou-se a posição dessas orações em relação à oração-núcleo. Nos usos com *dado que*, a ordem preferida das orações causais é a posposta, e a das orações condicionais, a anteposta. A locução *desde que* causal pode tanto anteceder como seguir a oração nuclear, e, com interpretação condicional, prevalece a posposição em quase sua totalidade. Com a locução *uma vez que* causal e condicional, a ordem dominante é a



posposta em ambos os casos. Como as orações iniciadas com as locuções conjuntivas em estudo exercem a função sintática de advérbio, elas apresentam mobilidade em relação à ordem, que reflete as funções discursivas. Assume-se, portanto, que a ordem é pragmaticamente motivada.

Os pressupostos teóricos funcionalistas adotados nesta pesquisa, sobretudo os de Hengeveld (1998) e os de Hengeveld e Mackenzie (2008) permitiram descrever, separadamente, os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos das orações causais e condicionais introduzidas por *dado que*, *desde que* e por *uma vez que*, considerando sua função. A teoria da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) possibilitou verificar que os empregos com sentido causal e condicional dessas locuções se diferenciam no Nível Representacional, especificamente nas camadas do Estado de coisas (relações causais) e na do Conteúdo Proposicional (relações condicionais), comprovando a hipótese inicial desta pesquisa.

A análise dos dados revelou também que, embora as conjunções *dado que*, *desde que* e *uma vez que* sejam tradicionalmente classificadas tanto como causais como condicionais, há uma forte tendência de *dado que* e de *uma vez que* se especializarem em usos causais, e a locução *desde que*, em usos que veiculam condicionalidade.

Por meio da compreensão e do processamento de uma língua natural, este trabalho contribuirá com estudiosos interessados pelo funcionamento efetivo da língua portuguesa do Brasil, sobretudo com os trabalhos desenvolvidos no Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) de São Carlos, São Paulo, Brasil, como os de tradução automática, sumarização de textos, entre outros. Além disso, os dados obtidos nesta pesquisa poderão servir como material de apoio extremamente útil à teoria *Rhetorical Structure Theory* – RST (MANN; THOMPSON, 1987), de modo a refinar e a desambiguar a classificação das relações retóricas expressas pelos marcadores discursivos *dado que*, *desde que* e por *uma vez que*, considerando que esses marcadores podem estabelecer, além das relações de causa e de condição, as de justificativa e de resultado.

Por fim, vale dizer que a investigação das orações adverbiais iniciadas com essas locuções conjuntivas não se encerra com este trabalho. Visando à tipologia da língua portuguesa do Brasil, outros aspectos poderiam ser investigados como, por exemplo: verificar se, em cópulas da língua falada, em contextos mais informais, os resultados obtidos neste trabalho se mantêm; desenvolver um estudo diacrônico das orações adverbiais marcadas por essas locuções conjuntivas; verificar quais outras relações semânticas podem ser configuradas

por *dado que, desde que e/ou por uma vez que* e identificar as regularidades presentes nessas relações, entre outras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1963, p. 300-455.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 462-513.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COMRIE, Bernard. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs *et al.* (Eds.) **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 77-99.

CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2008, p. 593-622.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. (2006) **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, 2006.

DIAS DA SILVA, Bento Carlos Dias; MONTILHA, Gisele; RINO, Lucia Helena Machado; SPECIA, Lucia; NUNES, Maria das Graças Volpe; OLIVEIRA Jr., Osvaldo Novais; MARTINS, Ronaldo Teixeira; PARDO, Thiago Alexandre Salgueiro. **Introdução ao processamento das línguas naturais e algumas aplicações**. Série de Relatórios do NILC. NILC-TR-07-10. São Carlos-SP, Agosto, 2007.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1976.

DIK, Simon Cornelis. **Theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

GREENBERG, Joseph. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: \_\_\_\_\_. **Universality of Language**, Cambridge: MIT Press, 1963, p. 73-113.

HAIMAN, John. Constraints in the form and meaning of the protasis. In: TRAUGOTT, Elisabeth Closs *et al.* (Eds.) **On conditionals**. Cambridge University Press, 1986, p. 215-227, p. 215-227.

HENGEVELD, Kees. Layers and operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**, 1989, p. 125-157.

\_\_\_\_\_. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: AWERA, J. e BAOILL, D. P. (Eds). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. **Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HIRATA, Flávia Bezerra de Menezes. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 1999.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 2005.

KROON, Caroline. **Discourse particles in Latin**. (Amsterdam Studies in Classical Philology 4) Amsterdam: Gieben, 1995.

LIMA, Carlos Eduardo Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p. 184-284.

LYONS, John. **Semantics**. vol. II. Cambridge University Press, 1977.

Mann, William C. and Thompson, Sandra A. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization*. Technical Report ISI/RS, 1987, 87-190.

MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. **Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization**. Technical Report ISI/RS, 1987, 87-190.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções causais. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org). **Gramática do português falado**. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v. VII, 1999a, p. 461-496.

\_\_\_\_\_. As construções condicionais. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org). **Gramática do português falado**. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v. VII, 1999b, p. 497-544.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 787-929.

\_\_\_\_\_. A gramaticalização e a organização dos enunciados. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 2º sem., 2001, p. 13-22.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2010.

NUNES; Maria das Graças Volpe; NOVAIS DE OLIVEIRA, Osvaldo; ALUÍSIO, Sandra Maria; RINO, Lúcia H. Machado; DIAS DA SILVA, Bento Carlos. Desafios na construção de recursos linguístico-computacionais para o processamento automático do português do Brasil. In: BERBER SARDINHA, Tony. (Org). **A língua portuguesa no computador**. Campinas: Mercado de letras, 2005, p. 35.

OLIVEIRA, Taísa Peres. **As conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2008.

PÉREZ QUINTERO, María Jesús. **Adverbial Subordination in English: A functional Approach**. Amsterdam and New York, NY: Rodopi, 2002.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática. Teoria e prática**. 28. ed. São Paulo: Harbra, 2004, p. 310-387.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SPÓSITO, Carolina Cau. A construção adverbial de causa razão, explicação e motivação nas variedades lusófonas: uma abordagem discursivo-funcional. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**, Curitiba, 2011.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.